

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES PLÁSTICAS

TRAMAR E TECER ENTRE SERRAS

Camila Vasques da Silva

São Paulo
2023

CAMILA VASQUES DA SILVA

TRAMAR E TECER ENTRE SERRAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para conclusão do curso
de licenciatura em Artes Visuais pela
Universidade de São Paulo.

Orientador: Profa. Dra. Sumaya Mattar.

São Paulo
2023

Tramar e tecer entre Serras/ Camila Vasques da Silva. — 2023.

76 f.

Orientador(a): Sumaya Mattar.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)
– Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, Departamento de Artes Plásticas, São Paulo, 2023.

1. arte educação, projetos culturais, educação comunitária, periferia, bordados. I. Tramas entre Serras.

CDD 707.

Agradeço desta vez, em especial, às mulheres, principalmente a Lorena, que foi minha maior inspiração de força e coragem para continuar nesse percurso; a Sumaya, que me apoiou desde o princípio, como orientadora, professora e também amiga; a Conceição, ministrante bordadeira; aos membros do coletivo Rosa, Jozeli, Tuta, Guilherme e Lincoln, que me acompanham no nosso projeto, fontes vitais para minha persistência; as professoras, mãe e avó, Severinas; aos amores Felipe, Juliana e Victor.

RESUMO

O presente trabalho coloca em discussão ações socioculturais e políticas atuantes em espaços não escolares, periféricos e alternativos e traz reflexões sobre a necessidade de haver gestões autônomas pelos sujeitos em seus territórios de atuação, dada a urgência de mobilizações culturais e ações educativas. Abre-se um campo de questionamento pautando como a Arte pode ser utilizada como instrumento de resistência, ao potencializar acesso à cultura mais diversa, sendo um mecanismo na busca pelo reforço da identidade e seu fortalecimento por meio do contato com movimentos comunitários. O intuito foi estabelecer relações entre as principais abordagens de ações e a busca de sustentabilidade da arte e da cultura, em especial, em espaços não hegemônicos e invisibilizados, com base nas vivências na Associação Santa Luzia e Associação de Bairro dos Moradores Unidos, ambas sedes localizadas na cidade de Guaratinguetá, interior de São Paulo.

Palavras-chave: arte educação, projetos culturais, educação comunitária, periferia, bordados.

ABSTRACT

The present work sought to reflect on sociocultural and political actions in non-schooled, peripheral and alternative spaces. The research brings reflections on the need for autonomous management by the subjects in their areas of activity, given the urgency of cultural mobilizations and educational actions. A field of questioning is opened, guiding how Art can be used as an instrument of resistance, by enhancing access to the most diverse culture, being a mechanism in the search for the reinforcement of identity and its strengthening through contact with communities movements. The aim was to establish relationships between the main approaches to actions and the pursuit of sustainability in art and culture, especially in non-hegemonic and invisible spaces based on experiences at Associação Santa Luzia and Associação de Bairro dos Moradores Unidos, both headquarters located in the city of Guaratinguetá, in the interior of São Paulo.

Key words: art education, cultural projects, community education, periphery, embroidery.

SUMÁRIO

1. Introdução: O corpo inflama	7
2. O começo do carretel: a Associação Santa Luzia	8
2.1. Entre um ponto e outro: o que foi feito	13
2.2. O corte da linha, luzia: relatório pessoal	22
2.3. Como era quando havia você, Lorena	29
3. Pintar e bordar: a tentativa de aprender com as mulheres de Ouro, Conceição e Lorena	47
4. Territórios de possibilidades, tensionamentos	53
5. Coletivo Descentraliza, tramar e tecer entre Serras	57
6. Conclusão	68
7. Anexos	70
8. Referências	75

1. Introdução: O corpo inflama

O presente trabalho visa discutir os confrontos e questionamentos que perpassam o caminho de fazedores culturais dentro de espaços de formação não institucionalizados em zonas periféricas, descentralizadas, com base na vivência extraída na Associação Santa Luzia e na Associação de Moradores dos Bairros Unidos, ambas localizadas no município de Guaratinguetá.

Tais atividades tiveram como objetivo inicial realizar um relato pessoal reflexivo, partindo da vivência de ações comunitárias do coletivo Descentraliza no bairro Santa Luzia que posteriormente desencadeou uma série de desdobramentos, chegando, por fim, onde estamos hoje, em outra sede, na etapa de planejamento e colaboração de dois projetos paralelos no bairro Pingo de Ouro, com Lorena, figura central e extremamente atuante dentro do local.

Lorena entra aqui não apenas como mobilizadora social que é, atuante indiscutivelmente notável nos locais pelos quais passou. Neste relato-pesquisa entre passado e presente houve a tentativa de registrar sua relevância ao fazer o que ela me diz “ter nascido para ser o que se é”. Para Lorena, o serviço comunitário, o fazer para a comunidade, é sua vocação. Contudo, é preciso declarar que este encontro também significou um resgate pessoal e uma recuperação praticamente vital do coletivo para que se fosse possível ter fôlego e dar seguimento às atividades, práticas e elaborações de projetos socioculturais. Lorena, foi então, sem saber, o caminho, a linha que esse tempo todo costurou a história escondida debaixo do tapete, a história oculta, e que agora, se mostrou em tramas grandiosas e potentes, tomando um rosto, possibilidades e formas de construir junto.

As atuações do projeto do coletivo têm como propósito fundamental fomentar a cultura em bairros descentralizados da cidade, através de espaços não escolares, com ações associativas. Sendo, assim, uma forma de combate dentro do âmbito que cabe às Artes, à Arte Educação e à Cultura, através de mobilizações comunitárias independentes. O Descentraliza é composto por uma produtora cultural: Tuta Gama; três professores com formação em pedagogia e letras (dois em atuação e uma aposentada, todos da rede): Jozeli, Lincoln e Rosa; dois pesquisadores, eu e Guilherme (bolsista CAPES, cursando licenciatura em geografia).

A intenção é trazer reflexões sobre a importância de ações autônomas na promoção cultural com base nas partilhas e nas vivências percorridas. Essas ações são fundamentais para impulsionar mobilizações e garantir um acesso mais amplo e descentralizado à cultura. Para

isso, é necessário criar um ambiente de autogestão inspirador e eficiente, capaz de gerar e sustentar o incentivo necessário para uma cultura diversa e inclusiva.

O que se pretende fazer neste Trabalho de Conclusão de Curso, dando segmento ao molde que foi feito no do bacharel, este também será um relato pessoal e acadêmico sobre como é a realidade de agentes atuantes na área da educação e cultura através de projetos sociais. A abordagem da pesquisa teve a intenção de explorar e estabelecer conexões entre formas de incentivo nas áreas educacional, artística e cultural em locais onde sofrem o processo de invisibilidade e exclusão social. Além disso, procurou-se provocar uma reflexão sobre as estratégias de mobilização quando a ajuda do governo e de outras instituições formais não se coloca acessível.

Nos contextos de espaços culturais livres e de educação não escolar, a arte desempenha um papel fundamental na formação e desenvolvimento das pessoas. Projetos culturais em territórios que fomentam ações comunitárias normalmente têm como objetivo entrelaçar arte, educação e formação humana, criando uma práxis educativa. É interessante notar que a maioria desses projetos analisados possui uma finalidade social, sendo construídos com e para diferentes faixas etárias. Crianças, adolescentes, adultos e até mesmo pessoas idosas são beneficiadas por essas iniciativas que visam transformar a sociedade através da arte.

Tais mobilizações conseguem traduzir mais nitidamente a relevância da arte como forma de resistência e transformação social. Através desses projetos, é possível promover uma formação mais completa e enriquecedora, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e participativa.

2. O começo do carretel: a Associação Santa Luzia

A Associação Santa Luzia é uma associação dos moradores do bairro Jardim Santa Luzia, no município de Guaratinguetá, no estado de São Paulo. O intuito do nosso grupo, que é um coletivo formado por professoras, produtores culturais e demais atuantes da área da educação, foi promover uma ação revitalizadora e educacional neste espaço que encontrava em desuso no quesito de mobilização cultural.

Uma associação de moradores é quando um grupo de moradores de um bairro decide se juntar para aprimorar a qualidade de vida em sua própria comunidade. É uma junção de pessoas dispostas a estabelecer regras e planejamentos para construir um ambiente que ofereça uma maior qualidade de vida naquela determinada redondeza. Essa iniciativa pode se manifestar de diferentes formas: desde associações representando todo o bairro, até aquelas

que abrangem apenas uma rua específica. Cada uma dessas organizações é única e carrega consigo suas particularidades, mas todas compartilham o objetivo comum de tornar a vida na comunidade ainda qualitativa.¹

O comprometimento dessas associações de moradores refere-se ao seu papel de protagonistas da mudança social. A criação de associações de bairro parte do princípio de que é necessário elevar a qualidade de vida em uma região, investir em infraestrutura, impulsionar a conexão entre os moradores, propiciando, assim, uma atmosfera de mais fortalecimento e parceria entre os habitantes da comunidade local.

As associações de grupos de moradores têm o poder de promover interação e engajamento entre vizinhos. Organizar atividades de lazer, eventos culturais e festas para a comunidade são algumas das táticas utilizadas por essas associações. Ao proporcionar momentos de descontração e diversão, elas estimulam o convívio entre os moradores, estreitando os laços comunitários.

No entanto, essas iniciativas, se bem estimuladas, são capazes de ir além de um aspecto cultural e de lazer, atingindo também um impacto econômico na região, uma vez que ao incentivar o consumo do comércio local, as associações ajudam a fortalecer a economia da comunidade, gerando empregos e impulsionando o crescimento do comércio da região, principalmente de pequenos produtores locais e artesãos.

Portanto, é evidente que, bem estabelecidas e estruturadas, as associações de grupos de moradores desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de uma comunidade. Ao buscar melhorar não só a infraestrutura, mas também o convívio entre os moradores, elas contribuem para a construção de comunidades com mais fomento à cultura, acesso à informação, aumento e fortalecimento do comércio local etc.

A aproximação do nosso coletivo com a Associação Santa Luzia aconteceu concomitantemente à formação dele, que atualmente denominamos Descentraliza. No início, entendia-se o grupo enquanto uma junção de profissionais da educação e da cultura com o intuito de promover ações descentralizadas, tornando, assim, a arte, a cultura e o lazer, um bem mais acessível a todos, todas e todes. O objetivo do projeto nasceu desse conjunto de objetivos, com o propósito de difundir ações sustentáveis na Associação de moradores de Santa Luzia. Nessas ações, estavam incluídas todas as atividades que permeiam o tema da sustentabilidade.

¹ Rivelli Cardoso, Rosângela Maria, Saule Júnior, Nelson. **Associação de Moradores**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP Núcleo de Prática Jurídica - Escritório Modelo “Dom Paulo Evaristo Arns” da Faculdade de Direito. São Paulo: 2012, p. 9-11.

A escolha de trabalhar o eixo da sustentabilidade partiu do estudo de uma das pessoas que é membro do coletivo, a professora Jozeli Mara Gonçalves. Sua dissertação de mestrado *Ações sustentáveis em espaços educativos da escola municipal professora Francisca de Almeida Caloi. Queríamos colocar* em prática o projeto sustentável que ela desenvolveu em uma escola no período em que ocupou a função de direção da escola, de 2018 a 2021. Assim que Jozeli saiu do cargo, a nova diretora desfez todo o projeto. Aproveitamos então os materiais para aplicarmos essa ação na Associação Santa Luzia, juntamente com outras atividades culturais que estavam em nosso planejamento.

Quando falamos de sustentabilidade ambiental, não podemos pensar somente no ambiente como natureza, mas em um ambiente onde as pessoas vivem, atuam e se relacionam. Então, com esse olhar, nós levamos para lá o projeto que previa: a) produção de um parque de diversão para as crianças na área da entrada, com quatro brinquedos feitos de pneus: duas gangorras e duas motos; b) criação de uma biblioteca comunitária e canto da leitura; c) oficinas culturais e educativas de cunho formativo. Todas as atividades visavam difundir as noções de sustentabilidade de materiais na produção coletiva, segundo a ideia de aprender fazendo junto.

Ao todo, foram desenvolvidas ações ao longo de um período de três meses, sempre aos sábados. Estivemos presentes conduzindo o projeto a fim de revitalizar, juntamente com os moradores, principalmente os adolescentes que participam da associação, esses espaços que encontramos por lá que não estavam de acordo com o que é a premissa de sustentabilidade. Alguns desses espaços em desuso foram os locais onde construímos e fizemos algumas melhorias, que é a entrada da Associação.

Desde o princípio, a ideia primordial era de revitalização do espaço para posteriormente entrarmos com ações culturais e educativas na comunidade. Mas já no início do projeto, fomos sofrendo uma série de embates por parte dos responsáveis pela Associação, que nos foi limitando o acesso à execução de certas atividades. O que fomos sentindo, com o passar do tempo, é que algumas atividades eram bem-vindas, como a parte estrutural, limpeza e pintura, enquanto outras, que envolviam cursos e oficinas, eram totalmente ignoradas no planejamento que já havia sido apresentado previamente à presidência e às demais lideranças locais.

Assim que finalizamos a parte mais estrutural, que condiz com o parquinho das crianças e a biblioteca comunitária, começamos a observar que estávamos passando por uma espécie de “ contenção”. Chegamos a passar por situações desagradáveis de não abrirem o portão para entrarmos na sede. Ou do responsável não responder nossas mensagens para

confirmarmos a data e o horário, ou de simplesmente não aparecer no local na data que havíamos combinado.

Depois disso, acabamos ficando desapontados com a falta de comprometimento de demais partes responsáveis pelo local que impossibilitou de seguirmos com as ações. Aqui neste caso, entram conflitos políticos de interesses capazes de impedir a atuação do coletivo no espaço. Isso enfraqueceu nosso movimento dentro da associação e acabou minando as atividades culturais e educativas programadas para acontecer ao longo do semestre de 2022.

Esse fator levou a tensões e questionamentos. Lidar com os reais enfrentamentos de projetos educacionais e culturais não formais em uma cidade no interior exigiu bastante insistência. Desde a entrevista² realizada em 2022 com Tuta Gama, para a disciplina de História do Ensino da Arte no Brasil: trajetória política e conceitual e questões contemporâneas, ministrada pela professora Dra. Sumaya Mattar, que também é coordenadora do GMEPAE - Grupo Multidisciplinar de Estudo em Pesquisa e Arte Educação³, que o tema das barreiras confrontadas pelos profissionais da cultura acompanha a discussão sobre a educação não formal, que é retomada e desenvolvida nesta pesquisa.

Diante das dificuldades, enquanto ações dentro da sede, foi necessário colocarmos um fim nas atividades em Santa Luzia, o que não resultou no fim das atuações do coletivo. Em novembro, visitamos a escola E.M. Profª Adelina Alves Ferraz, em Lorena, cidade do interior de São Paulo, para uma roda de conversa sobre racismo e continuamos nossa busca por um novo lugar, a fim de seguirmos com nossa proposta.

² Disponível em *Uma conversa com Tuta Gama: movimentos independentes nas cenas de Guaratinguetá*, disponível no portal do GMEPAE: <https://gmepae.com.br/acervo/uma-conversa-com-tuta-gama-movimentos-independentes-nas-cenas-de-guaratingueta/>

³ O GMEPAE mantém um Portal que oferece acesso a diversos materiais de pesquisa. Lançado oficialmente em 10 de maio de 2022, tem atualização semanal. Com base na metodologia da história oral, inclui, principalmente, entrevistas com pessoas que, com seus saberes e fazeres, oferecem contribuição importante à reflexão sobre os processos de ensino e aprendizagem da arte dentro de perspectivas não hegemônicas. Há registros disponíveis em vídeo, realizados em 2021 e em 2022, por estudantes de graduação que cursaram a disciplina *História do Ensino de Arte no Brasil: trajetória política e conceitual e questões contemporâneas*, ministrada pela professora e coordenadora do projeto Sumaya Mattar, com participação do professor Guilherme Nakashato. Pedagogia Griô, as Leis 10.639/03 e 11.645/08, culturas indígenas e afro-brasileiras, arte e educação nas periferias, questões de gênero e diversidade são algumas temáticas escolhidas pelos estudantes. Colaboram: Leandro de Oliva Costa Penha, pesquisador de doutorado, Letícia Santos de Moraes, pesquisadora bolsista de graduação (desde setembro de 2021) e, desde setembro de 2022: Camila Vasques da Silva, David Queiroz, Mirella Malagrine Basti, bolsistas pesquisadores de graduação, Priscila Akimi Hayashi, pesquisadora de mestrado e Luana Lorena Sato, pesquisadora de graduação. Laura Martins Sapucaia, estudante de graduação, colaborou, como bolsista, de setembro de 2021 a julho de 2022.

Fotografia 1



Fonte: Camila Vasques da Silva (2022). A professora Jozeli Mara Gonçalves, à direita, dando uma palestra sobre representatividade negra e fortalecimento da identidade dentro da comunidade escolar. Fomos sábado, dia 26 de novembro de 2022. A escola estava numerosa e todos foram muito receptivos conosco.

Foi um percurso delicado. De início, com uma sensação calorosa de fazer o projeto acontecer, de ver um grande potencial em um lugar promissor para a realização da nossa ideia. Mas ver as crianças tendo aula de “treinamento de soldado”, fazendo a manutenção e limpeza do local, enquanto os encarregados pela Associação nos diziam que era um método de discipliná-las, e extinguindo toda e qualquer possibilidade de atuação que verdadeiramente tivesse um caráter formador como transformação social, foi nos colocando em um lugar que infelizmente, em algumas situações, teremos de encarar que essa é a realidade: não tínhamos espaço nem voz, não naquele momento.

No dia vinte nove de janeiro deste ano, dois mil e vinte e três, minha mãe me perguntou se eu achava que São Paulo era mais difícil que Guará. E eu respondi a ela que em São Paulo tudo era muito cansativo, sempre tudo muito combativo, enquanto aqui tudo é muito anestésico. A sensação é de que estou sempre atada. Nas instituições que trabalhei na capital, tudo era muito burocrático e hierárquico a se seguir nos processos, então qualquer elaboração era recebida já com desmerecimento, e, para dar sequência, tinha de haver muito argumento, muita papelada carimbada, muita coisa preparada de antemão. O negócio em São Paulo, na maioria dos casos, salvo exceções, claro, é contato, e *status*. Na verdade, na maioria das instituições que acompanhei o setor da curadoria sempre foi bem mais valorizado, e o educativo, por sua vez, posto de escanteio, quase como uma prova de boa ação.

Em Guará a conversa é outra, o ritmo é lento, entorpecido. Quando se acessa alguém, a resposta leva semanas, meses. Outras vezes simplesmente não há respostas. Isso aconteceu com a Associação Santa Luzia. Mandamos mensagens para o sub responsável pela sede, o bombeiro — já que o presidente de lá nunca deu as caras, e ele nos respondia quando lhe cabia à vontade ou interesse. Aqui tudo é político. Mandei mensagens querendo retornar ao espaço do Santa Luzia para verificar como está o local e nada. Ele responde mais facilmente o Lincoln, um dos membros do nosso coletivo. Agora, a sensação é que, seja entre os arranha-céus ou no meio do mato, sempre há um campo de batalha a se travar quando se tenta alternativas sociopolíticas de acessibilidade e inclusão.

Meses depois, Rosa, membro do coletivo, professora e coordenadora aposentada pela rede estadual, apresentou-nos Lorena, responsável pela construção e manutenção do projeto na Associação Santa Luzia, durante aproximadamente seus dezesseis anos de vigência. . Atualmente, Lorena está encabeçando outra associação de bairro, a Associação de Moradores dos Bairros Unidos — que abrange o complexo dos bairros Pingo de Ouro, São Sebastião, Los Angeles, Bosque dos Ipês, São Benedito, Retiro 1 e Retiro 2, também situados na cidade de Guaratinguetá.

Pensamos, então, em dar continuidade ao nosso planejamento antes programado para acontecer no Santa Luzia, agora, ali no bairro Pingo de Ouro, juntamente com Lorena. A base dessa pesquisa, visa, portanto, descrever os percalços entre dificuldades e realidades que são enfrentados quando se trata de mobilizações socioculturais não formais em bairros descentralizados e periféricos.

2.1. Entre um ponto e outro: o que foi feito

O projeto visou investigar, com base na pesquisa de mestrado de Jozeli Mara Gonçalves⁴, a relação que a comunidade do Santa Luzia estabelece com o tema de educação ambiental. Pretendíamos trabalhar essa temática através de atividades que seriam desenvolvidas ao longo do semestre com o público frequentador, como forma de aproximação para efetuarmos futuras abordagens de atividades socioculturais.

Para tanto, o programa foi desenvolvido durante três meses, na Associação Santa Luzia, na Estância Turística de Guaratinguetá. Tendo por princípio construir espaços educativos sob o prisma democrático da instituição de ensino, as práticas ocorridas pela

⁴ GONÇALVES, Jozeli Mara da Silva. **Ações sustentáveis em espaços educativos da escola municipal Professora Francisca de Almeida Caloi.** 2022 136 f. Dissertação (Mestrado Profissional Interdisciplinar em Inovação Tecnológica) - Instituto de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal de São Paulo, 2022.

abordagem de conteúdos atitudinais, conceituais e procedimentais difundiram princípios sustentáveis por colaboração e multidisciplinaridade.

Os jovens, juntamente com os membros do coletivo, reutilizaram e reaproveitaram resíduos sólidos gerados no local ou que trouxeram de seus lares, bem como também os captados junto a uma cooperativa de reciclagem e uma empresa de pneus da região, nas intervenções de dois espaços que se apresentavam subutilizados ou necessitavam ser reparados. Através do diálogo, iniciou-se sua transformação em um ambiente reflexivo, responsabilizando os participantes quanto às atitudes e posturas que se esperam de cidadãos.

Sobre o roteiro pré-estruturado, estabeleceu-se o caráter multidisciplinar e interdisciplinar. Usamos o esquema abaixo para exemplificar, em uma palestra explicativa, como se desenvolveriam as atividades sobre reaproveitamento, ação de conscientização, reciclagem de materiais e conceitos de sustentabilidade etc.

Figura 1



Fonte GONÇALVES, Jozeli Mara da Silva. **Ações sustentáveis em espaços educativos da escola municipal Professora Francisca de Almeida Caloi.** 2022 136 f. Dissertação (Mestrado Profissional Interdisciplinar em Inovação Tecnológica) - Instituto de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal de São Paulo, 2022⁵.

⁵ As siglas citadas dispostas no esquema apresentado, se referem às habilidades descritas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular). De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base deve conduzir os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, bem como as propostas pedagógicas das escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Conselho Nacional de

Em tese, cada membro da equipe se responsabilizaria por uma temática/ habilidade a ser trabalhada posteriormente ao momento da revitalização do espaço físico. Por exemplo, na habilidade voltada para Artes, elaboramos um plano de aula na qual trabalhariámos, pelo viés da perspectiva decolonial, as culturas regionais locais de Guaratinguetá (em especial capoeira, samba e jongo), interseccionadas às palestras escolhidas por Guilherme, voltadas a tópicos como racismo e apropriação cultural, valorização da identidade periférica, com embasamento em teorias de Milton Santos sobre a temática de território, espaço geográfico e representatividade identitária.

Com a professora Rosângela, professora de Biologia convidada, em EF08CI16⁶, foi sugerida a abordagem de pensar e propor iniciativas que contribuiriam promover a noção de sustentabilidade, a partir da identificação de qualidade do solo para plantio na entrada da sede, criação da horta coletiva comunitária, como também pensar possibilidades de criar sistemas de irrigação, manutenção e cultivo do solo e terreno para o exercício dessas atividades. Além disso, discutiríamos possíveis soluções para o terreno baldio localizado bem próximo à Associação, que seria trabalhado na habilidade EF09CI13⁷, cuja proposta visava iniciativas individuais e coletivas para a solução de problemas ambientais do bairro ou da comunidade que seriam identificados ao longo das atividades.

Após a apresentação do roteiro, partimos para as atividades práticas, nas quais aplicamos os conceitos explorados no encontro.

Vale lembrar que esse roteiro já havia sido desenvolvido pelo programa *Aprender Fazendo em Educação Ambiental* (AFEA⁸ na EMEIEF Profª Francisca de Almeida Caloi, da idealizadora Jozeli Mara Gonçalves, coordenadora do projeto elaborado na Associação.

Dia 2.07.2022: Primeiro dia de reunião do coletivo para decidirmos quais ações seriam realizadas na associação e por quais motivos. Depois de três horas de encontro, das 10h às

Educação. **Base Nacional Comum Curricular, educação é a base.** Brasília: MEC; SEB; 2013. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>

⁶ A habilidade EF08CI16 consiste em discutir iniciativas que contribuam para restabelecer o equilíbrio ambiental a partir da identificação de alterações climáticas regionais e globais provocadas pela intervenção humana.

⁷ A habilidade EF09CI13 consiste em propor iniciativas individuais e coletivas para a solução de problemas ambientais da cidade ou da comunidade, com base na análise de ações de consumo consciente e de sustentabilidade bem-sucedidas.

⁸ O Programa Aprender Fazendo em Educação Ambiental (AFEI) apresenta a proposta de envolver a comunidade em ações ambientais, criando um ambiente propício para a promoção da Educação Ambiental (EA), com foco na multidisciplinaridade, em conformidade com os princípios legais educacionais. Além disso, é uma iniciativa alinhada com a agenda de desenvolvimento sustentável para o ano de 2030.

Disponível em: <<https://sites.google.com/guaraedu.com.br/caloi/sustentavel/inicial/programa-afea?authuser=0>>. Acessado em 20 de janeiro de 2023.

13h, fechamos, em comum acordo, que gostaríamos de revitalizar o espaço e sugerir cursos de cunho educativo e formativo, com base na pesquisa de campo e na dissertação de mestrado de Jozeli Mara Gonçalves⁹.

Figura 2



Fonte: Arquivo pessoal. Atualmente, esta é a fachada frontal da Associação Santa Luzia, o que era a parte de trás da sede, entre 1997 a, aproximadamente, 2013. A entrada principal, anteriormente, dava de frente para o salão e o galpão central, com a quadra de areia em sua lateral, hoje em dia se transformou em uma propriedade particular onde se gerencia um ferro-velho.

Dia 8.07.2022: Restauração inicial dos brinquedos para doação para a Associação Santa Luzia. A ação teve duração de quatro horas, das 10h às 14h.

Figura 3



Fonte: Camila Vasques (2022)

Processo de recuperação e fabricação das gangorras feitas de pneus e madeira para compor o parquinho das crianças.

Figura 4



Fonte: Lincoln Éder dos Santos Leite (2022)

⁹ Ibid, 2022.

Dia 11.07.2022: Dia de visitação prolongada na Associação Santa Luzia e conversa com o coordenador responsável pelo local. O encontro teve duração de duas horas e 30 minutos, das 10h às 12h30.

Dia 18.07.2022: Reunião e planejamento de equipe; conversa com crianças e adolescentes que frequentam o espaço a fim de tatearmos seus interesses. Definimos, então, em um primeiro momento, que faríamos a revitalização do espaço juntamente com a construção de uma biblioteca e canto da leitura, um parquinho feito com materiais recicláveis e uma horta vertical comunitária para os moradores da região. Elencamos algumas atividades já a serem rascunhadas como aulas e palestras sobre conscientização ambiental, oficina de contadores de histórias, oficina de dança funk e break, oficina de fotografia digital e reforço escolar para alunos, alunas e alunes que nos informaram interesse em prestar exames para ingresso em escolas técnicas da cidade (duração: 10h-14h00).

Dia 25.07.2022: Revitalização do espaço físico. Demos continuidade às produções dos brinquedos, das pinturas dos espaços externos e da manutenção da grama (duração: 9h00-14h00).

Figura 5



Fonte: Lincoln Éder dos Santos Leite (2022).

A intenção foi usarmos pallets para a produção de hortas verticais, a fim de estimularmos o plantio e manutenção da horta comunitária por parte dos moradores e frequentadores locais.

Figura 6



Fonte: Camila Vasques da Silva (2022).

16.09.2022: Tarefas: pintura das paredes (fora e corredor), finalizar as motos, colocar vasos para mudas nos pallets, cortar as estantes (ferro e madeira) para a biblioteca e manutenção da grama. Dia de revitalização e manutenção do projeto na Associação Santa Luzia. Dentre as funções que desempenhamos neste dia, podem-se destacar algumas: fizemos a reutilização dos materiais que haviam sido descartados pela população para fazermos móveis para a nova biblioteca que estávamos construindo, cortamos as estantes de ferro já existentes no local a fim de deixá-las do tamanho mais acessível às crianças que ali frequentam, pintamos as paredes (de fora e do corredor), finalizamos as motos do parquinho e fizemos a manutenção da grama (duração: 09h00-15h00).

Figura 7



Fonte: Lincoln Éder dos Santos Leite (2022)

Figura 8



Fonte: Camila Vasques da Silva (2022).

Eu e o Gui fomos em um terreno baldio perto da sede, que os moradores costumam descartar desde lixo à móveis quebrados, e conseguimos recolher alguns materiais possíveis de serem recuperados para uso, a fim de estimular o debate sobre conscientização, reaproveitamento, locais corretos para descarte e reciclagem de materiais. Este banquinho e a lousa foram recuperados da própria Associação para o espaço de leitura. As plaquinhas, todas as que estão encontradas nos registros deste trabalho, foram feitas por jovens que participaram das ações.

23.09.2022: Retoque de pintura, manutenção da grama. Concluímos a decoração da biblioteca, bem como o fichamento e recebimento dos livros arrecadados. Reforçamos a pintura, dando os últimos retoques e fizemos a manutenção da grama do parquinho das crianças (duração: 09h00-15h00).

Figura 9



Figura 10



Fonte: Gilliany Gama (2022).

Jozeli é sempre nossa mestre neste projeto do Santa Luzia, desde a parte teórica à prática. Com ela discutimos de Vygotsky a Bell Hooks e aprendemos a soldar, cortar grama, serrar, tudo ao mesmo tempo.

Fonte: Camila Vasques da Silva (2022).

Figura 11



Figura 12



Foto de Camila Vasques da Silva (2022).

Fonte: Camila Vasques da Silva (2022).

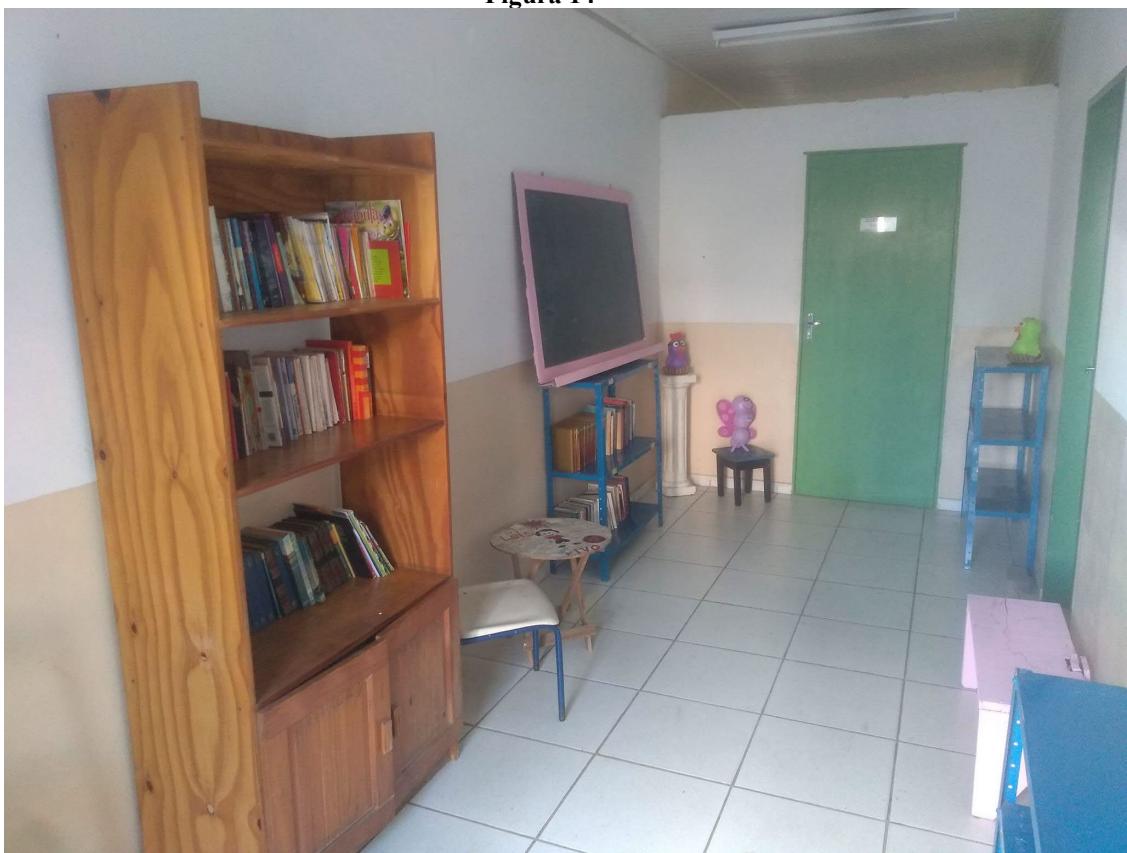
Na fotografia 11 estão presentes Lincoln à esquerda, Guilherme ao centro e Jozeli à direita. Na 12 estão Lincoln e Guilherme.

Figura 13



Fonte: Camila Vasques da Silva (2022).

Figura 14



Fonte: Camila Vasques da Silva (2022).

Figura 15



Fonte: Camila Vasques da Silva (2022).

Figura 16



Fonte: Camila Vasques da Silva (2022).

Lincoln foi o responsável pela mobilização da doação dos livros para a biblioteca comunitária. Tuta e Rosa (fotografia 16) fizeram toda a parte de separação, preparação, limpeza e catalogação dos livros doados.

Figura 17



Fonte: Camila Vasques da Silva (2022).

2.2. O corte da linha, luzia: relatório pessoal

É possível descrever a Associação por inteira. O espaço, em termos de território, é cativante. No Galpão eu via claramente o espaço onde aconteceriam as aulas práticas de dança. Parecia uma vida outra já borbulhar de mansinho ali. Via a Rafa dando aula de funk, o Japa com o breaking dance, a voz de minha mãe nas aulas de teatro, oficinas de contadores de histórias e os lambes lá no fundo da parede. A Tuta sorrindo. Tudo formava uma pintura em movimento na minha cabeça que crescia, e crescia. Também teriam as aulas de reforço escolar com o Guilherme, mais para a parte da frente, onde tinha uma mesa grande, central, rodeada de cadeiras, já em círculo. Mesmo sem saber, já constroem rodas.

Talvez seja necessário incluir um parágrafo antes das fotos seguintes, pois você vinha falando sobre o tempo atual e as fotos são antigas, sem legenda. Explicar de quem são e o que representam pode ser necessário.

Figura 18



Fonte: Desconhecido. Ano: desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena. Evento de capoeira, concentração no salão central da Associação Santa Luzia.

Figura 19



Fonte: Desconhecido (2003). Fonte: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena.
"Páscoa – 2003. Providenciou os ovos foi a tia Lurdinha, oficial de justica do fórum" (Lorena).
Aqui, consta a frente e o verso da fotografia, datada do ano de 2003. O que ainda poderia ser.

Na Biblioteca, com o espaço concluído (doações de livros, estantes doadas e outras reformadas, pintura e decoração finalizada por nós e também pelos jovens frequentantes da associação), eu pensava na Rosa com o projeto de sala de leitura. Já escutava o Guilherme debatendo com a molecada. Ali, aconteceriam rodas de conversa sobre alguns eixos temáticos; dentre eles, havíamos escolhido falar sobre representatividade e racismo; identidade de gênero; feminismo; economia criativa; sustentabilidade.

A Cozinha era o espaço que seria para compartilhar conversa nas horas vagas, entre pausas, refeições, a partilha com café, e bolo. Cachorro quente.

Figura 20



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena. Um lugar que foi de acolhida.

O Parquinho deixou a parte da frente restaurada, disposta com brinquedos feitos com pneus e materiais recicláveis. Também deixamos a estrutura montada para darem sequência à horta coletiva. Nesse espaço, tivemos tempo de ver as crianças menores (e nós também) brincando e aproveitando um pouco mais. Local que também estava reservado para acontecer a oficina de grafite, a oficina de trocas de saberes ecológicos e conscientização para produção e manutenção da horta e do parquinho.

Figura 21



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena. Local onde era a quadra de esportes, ou a quadra de areia.

Também havia uma sala de reuniões e aulas, um cômodo menor e mais fechado, com mais aspecto de “sala de aula”, com cadeiras, mesas, estantes e uma pequena lousa. Local que separamos para acolher a oficina de fotografia.

Figura 22



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena. Lorena contou que pintou cadeira por cadeira dessas que recebeu das escolas.

Figura 23



Fonte: Desconhecido (2006). Arquivo pessoal de Lorena.

Ao final de tudo isso, depois de conhecer Lorena, compreendi que o que há de incrível ali, ainda, é a presença dela, o que ela construiu, o que ela ergueu. O que, de certa forma, existiu. A história, mesmo que se tente, não se apaga. E a força de uma mulher como ela

segue ali dentro. Eu consegui enxergar. No fim, o que eu vi, foi ela. Eu só vi o que já havia acontecido ali, um dia. Esses registros antigos, datados desde 1997, cedidos por Lorena, são uma forma de comprovação e reafirmação de uma história, tanto dela, quanto da criação da Associação, do que foi aquele espaço, de tudo que ele foi capaz de prover para a comunidade através de ações sociopolíticas em um território até então invisibilizado.

Todo o processo ao longo do semestre, na ação dentro da Associação, especificamente, foi de combate. Tivemos a necessidade constante de fazer reuniões para discutirmos os rumos a serem tomados, tendo com frequência como pauta o obstáculo de atuação na Associação, visto que o sub-responsável pelo local não colaborou com nossas ações em nenhum momento. Não tivemos a opção de entrarmos em contato com o responsável que está acima do cargo do coordenador atual, então, no fim, quem respondeu por tudo lá dentro seguiu sendo o mesmo coordenador que nos recebeu, fato que nos deixou em uma situação sem saída.

Pareceu-nos que fomos úteis apenas no momento de revitalização do espaço físico, mas quando chegou o momento de proporcionarmos os cursos e oficinas, que havíamos informados ao coordenador de antemão, ao apresentarmos o projeto, fomos explicitamente impossibilitados por nítidos interesses políticos. Os integrantes do nosso grupo se mostraram impacientes, desanimados e conscientes de que ali não tivemos nenhum tipo de suporte, nem mesmo cooperação para realizarmos as oficinas e os cursos que pretendíamos ministrar. Foi possível compreender que, no fim, o sub-responsável esperou que somente colaborássemos com força tarefa na revitalização espacial e não nos possibilitou uma atividade de cunho cultural.

Debatemos várias maneiras de atuarmos ali como método de resistência, mas no fim acabamos sendo minados, e, em maioria, chegamos à infeliz conclusão de que se não tínhamos um suporte dos responsáveis pela Associação Santa Luzia, praticamente nos encontrávamos em um estado de mãos atadas para agir. Decidimos, então, naquele momento, finalizar a parte estrutural, como: a pintura interna e externa, a brinquedoteca, o parquinho, o espaço de leitura e a estrutura da horta vertical, a fim de direcionarmos nosso projeto para outro lugar, visto que até mesmo os moradores da comunidade não criaram vínculo de identidade com o lugar, como pudemos notar nos meses que ali passamos.

Particularmente, gostaria que houvesse mais dias que eu pudesse colocar aqui na hora de descrever as atividades, os cursos e as oficinas, contudo, a realidade franca foi essa. A de que não foi possível prosseguir. E minha maior tristeza, naquele período, foi nosso projeto não ter sido valorizado e não conseguirmos colocar nosso planejamento em prática. Sei que os

espaços criados foram e serão úteis para as crianças, os jovens e os adolescentes que ali circulam, ou assim espero. Mas seriam mais úteis se pudéssemos fazer uso deles em conjunto, refletindo e fomentando novas mobilizações, com a elaboração das atividades na prática.

Infelizmente, é a realidade aqui da cidade. Não há um polo cultural, um apoio, uma base, muito pelo contrário, estes locais, quando se fazem existir pelo esforço, são extintos. Não é um sinal de desistência da minha parte ou dos membros do meu coletivo, mas uma noção de que essa é a realidade de pessoas como nós que querem e almejam fazer da arte e da cultura um sinal de luta e resistência dentro do sistema como forma de permanência. É o que devemos fazer. Seguimos.

Figura 24



Fonte: Gilliany Gama (2022). Participant do coletivo Descentraliza (da esquerda para a direita): Lincoln Café, Jozeli Mara Gonçalves, Camila Vasques, Guilherme Nascimento, Rosa Alves e Tuta Gama. Nesse momento, ainda não havíamos decidido o nome do coletivo, porém já estavam definidas as aspirações e mobilizações sociais que gostaríamos de prosseguir em conjunto.

2.3. Como era quando havia você, Lorena

Lorena foi um presente. O desânimo que havia me tomado perdeu espaço para uma força quando vi Lorena falar. Lorena contou sobre como funcionava a instituição Santa Luzia quando ela coordenava o local. Era uma acolhida de pessoas. Circulavam em torno de oitenta pessoas. Eu não vou esquecer do que, em uma de nossas primeiras conversas, Lorena me falou, Ela estava me contando que quando foi inaugurar a Associação Santa Luzia, ela, como

uma pessoa católica, quis levar um padre para benzer o local. Lorena contou que o espaço ficou tão famoso que vieram pessoas de outra cidade com ônibus de turismo para a inauguração. O padre que ela levou para benzer o espaço chegou a comentar que estava ali apenas pela “Nossa Senhora e pela Lorena”.

Figura 25



Fonte: Desconhecido (2002). Lorena na festa de Folia de Reis. Arquivo pessoal de Lorena.

O projeto da Associação já existia com Lorena em sua casa, no começo dos anos 1990. Ela mencionou, em uma de nossas conversas, que já em sua residência no bairro de Santa Luzia, iniciava o trabalho de acolher as crianças no período pós-escola, oferecendo almoço e pensando em atividades de lazer.

Figura 26



Fonte: Desconhecido. Anos de 1990. Arquivo pessoal de Lorena.

Lorena, no canto superior direito, supervisionando as crianças do bairro, que, de costume, já frequentavam sua casa enquanto antiga moradora do bairro Santa Luzia.

Lorena construiu a Associação Santa Luzia, fez aquele espaço ser frequentado por pelo menos oitenta pessoas, durante dezesseis anos. Em dia de festividade no local, o local chegava a acomodar quinhentas pessoas. A representatividade que um espaço como esse pode oferecer para sua comunidade é extremamente considerável, uma vez que a relação da identidade como fenômeno de reafirmação da existência pessoal e por consequência, do sentimento de pertencimento vinculado à construção da cidadania se insere nas relações sociais, no contato e na relação com o outro, pois é a partir daí, nas diferenças, que podemos nos reconhecer como sujeitos.

Figura 27



Fonte: Desconhecido (1997). Arquivo pessoal de Lorena.
Lorena, ao centro, com o prefeito Francisco Carlos¹⁰, à sua direita.

¹⁰ Francisco Carlos foi prefeito da cidade em exercício de 1997 a 2000, sendo reeleito em 2001. Disponível em <https://guaratingueta.camarasempapel.com.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/L31131997.html?identificado=r=3400390031003A004C00>

Figura 28



Lorena me contou que o terreno foi ocupado em meados dos anos 1990, por volta de 1995, que foi quando começaram a fazer o planejamento da sede, correr atrás de materiais, doações, mãos de obra para, assim, dar procedência à construção.

Figura 29



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena.
Começo de tudo: assentamento do terreno da Associação Santa Luzia.

Figura 30



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena.
Construção da parte estrutural da sede. A mão de obra foi cedida pela prefeitura no mandato de Francisco Carlos. Os materiais foram todos arrecadados por parte de doações.

Figura 31



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena.

*Challenge day*¹¹ que ocorreu na Associação Santa Luzia como atividade recreativa. Desafio de carregar um eucalipto de mais de seis metros, que veio a ser usado, posteriormente, na construção da sede. A comunidade era bem participativa. Pelas histórias, todos ajudavam na construção da Associação. Como quase uma procissão. A importância do reconhecimento da comunidade dentro do seu território.

¹¹ Challenge day, comemorado em 31 de maio, é considerado o dia do desafio, sendo uma campanha de incentivo à prática de esportes e atividades esportivas, promovida por instituições públicas e privadas. Coordenada internacionalmente pela TAFISA (The Association For International Sports For All) e, no estado de São Paulo, pelo Sesc (Serviço Social do Comércio), sob apoio institucional do ISCA (International Sports Culture Association) e da UNESCO (Organização das Nações Unidas) para a Educação, Ciência e Cultura. Disponível em: <https://www.diadodesafio.org.br/sobre-o-dia-do-desafio/>

Em uma de nossas conversas, Lorena me contou que havia uma atividade de oficina de construção e produção de esculturas em gesso com crianças e demais moradores da região do bairro Santa Luzia, para, posteriormente, promover a venda dos objetos a fim de arrecadar fundos para a manutenção da obra.

Figura 32



Fonte: Desconhecido (1997). Arquivo pessoal de Lorena. Doações de gesso para as oficinas de produção de escultura.

“10/10/1997: recebemos umas doações de gesso para trabalhar com o artesanato. A instrutora Milca, da cidade de Paraty, voluntária, e a Lorena, monitora” (Lorena).

Figura 33



Fonte: Desconhecido (1997). Arquivo pessoal de Lorena.
Lorena conduzindo a oficina de escultura em gesso.

Figura 34



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena.
Construção do palco e do galpão, que mais tarde viria a ser ocupado para atividades como teatro e capoeira.

Figura 35



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena.
Construção do pátio, galpão, palco e banheiros.

Figura 36



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena.
Atividade em parceria com escolas municipais locais.

Figura 37



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena.

Lorena gosta de contar que foi ela quem colocou estas pedras, assim como todas as outras que contornam o palco e as escadas que dão para a parte dos fundos. A Associação ainda carrega seu nome em sua história, tem coisa que o tempo não apaga.

Figura 38



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena.

Os fundos da Associação. À esquerda era uma quadra de areia. Atualmente o lugar foi tomado e é um comércio de ferro-velho particular.

Figura 39



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena.

Lorena e sua irmã, Maria do Carmo, servindo comida. Lorena conta que todo dia elas serviam comida às crianças à comunidade.

Figura 40



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena.

Ao centro, Teresinha, vice-presidente da Associação. Quando era dia de festa a Associação recebia até aproximadamente quinhentas pessoas. Normalmente, em datas comemorativas, era costume fazer o “bolo de metro” e servir para toda a comunidade.

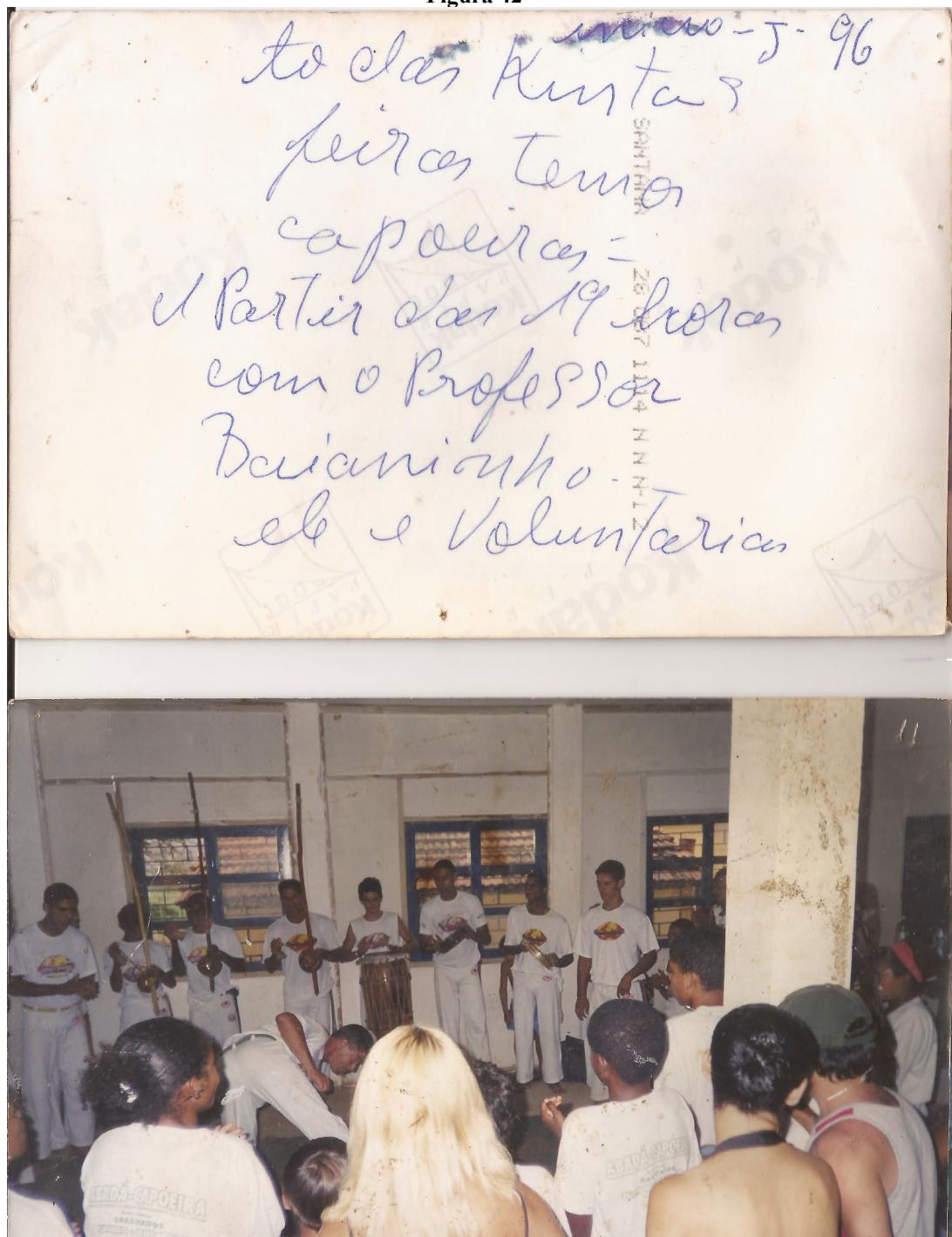
Figura 41



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena.

Quando era dia de festa a Associação recebia até aproximadamente quinhentas pessoas. Normalmente, em datas comemorativas, era costume fazer o “bolo de metro” e servir para toda a comunidade.

Figura 42



Fonte: Desconhecido (1996).

“Maio-5-96: todas quintas-feiras, a partir das 19 horas, temos capoeira com professor Baianinho, ele é voluntário” (Lorena).

Roda de capoeira com o Professor capoeirista Baianinho. As aulas de capoeira eram dadas pelo mestre Baianinho e mestre Hulk e aconteciam todas as quintas-feiras.

Figura 43 e Figura 44 (abaixo)



Fonte: Desconhecido (2007). Arquivo pessoal de Lorena. Festa de São Cosme e Damião.

Figura 45



Fonte: Desconhecido (2007). Arquivo pessoal de Lorena.
Lorena e demais pessoas voluntárias servindo doces na festa de São Cosme e Damião.

Na Associação Santa Luzia, aconteciam atividades culturais e de lazer de cunho extracurricular, em período integral, com caráter formativo e em parceria com escolas municipais da região. A sede oferecia aulas de capoeira, oficinas de brincadeira infantil-

juvenil e festas para as crianças. Além dessas atividades, o local também acolhia idosos e mulheres em situação de vulnerabilidade social, dando moradia, alimentação e assistência médica. Lorena conta que, às vezes, para manter o sustento do espaço e das pessoas abrigadas, vendia seus eletrodomésticos em eventos, promovendo bingos ou doações. *Se eu quiser construir alguma coisa, eu tiver um caminhão de areia eu faço. E se não tiver caminhão de areia eu boto no meu carro e eu mesma trago* (informação verbal).

A Associação ficava aberta ao público das 7h00-21h00. À noite com rodas de capoeira e aulas de violão. Atualmente a Associação se mantém fechada e só abre após a permissão do coordenador responsável pela sede. Meio-dia ofereciam almoço às crianças.

Entre uma contação e outra, Lorena soltou uma série de graves acontecimentos com teor de denúncia. A Associação começou a ficar muito visada, devido às grandes movimentações e reconhecimentos que foi ganhando ao longo dos anos. Isso foi atraindo olhares de políticos e demais personalidades da cidade, a maioria líderes religiosos, interessados em tomar o espaço, acreditando na possibilidade de lucrar com a sede. Como se trata de uma Associação, todo ano havia, e há, uma eleição para presidência. Lorena começou a sofrer ameaças e perseguições. Nesse meio tempo, um dos moradores, recém chegados no bairro, tentou atirar em sua cabeça, quando ela estava de costas fazendo compra no centro da cidade. Ela me contou saber quem era, mas nunca levou o caso adiante. Disse que não adiantaria. Era uma pessoa que tentou usurpá-la várias vezes, pegando doações em nome da Associação e em nome de Lorena. *Foi Deus que não quis que eu fosse embora* (informação verbal). Ela ainda me conta que cuidava dos filhos do atirador, na sede.

Alguns grupos de políticos e líderes religiosos foram se juntando a fim de enfraquecer a figura de Lorena. Começaram, então, a divulgar informações falsas sobre desvio de verba dentro da Associação, sendo que a maior parte das doações partiam dela e de conhecidos que ela mesma acessava, como também figuras públicas que até hoje a respeitam e consideram profundamente. Recentemente, fui visita-la na feira — Lorena é feirante e tem uma barraca onde vende doces caseiros. O diretor-chefe do departamento médico hospitalar da Santa Casa de Misericórdia, hospital público da cidade, parou para cumprimentá-la e acabaram contando para mim, algumas histórias que passaram juntos, entre elas, obviamente falaram dos idosos que Lorena acolhia na Associação e levava para o hospital. Aliás, foi assim que se conheceram. *Eu cheguei lá e falei: o senhor não tem mais nada pra fazer da vida, não? O senhor não trabalha? Cheguei brigando! (risos) Pode levantar daí e me atender* (informação verbal).

O desfecho dessa trama em Santa Luzia foi um emaranhado de situações das quais Lorena foi se vendo enfraquecida, de acordo com sua fala. Ela foi chamada para falar em programa de rádio da cidade (Rádio Metropolitana), sofreu muitas ameaças, acusações indevidas, foi tudo muito injusto e cruel. Naquele momento parece que ela não teve apoio de ninguém. Ela começou o projeto da Associação sozinha e terminou sozinha, quase como a morte. Talvez tenha sido uma; foi um tipo de morte, porque hoje a Associação é o que é. O diretor atual, Francisco, é o mesmo que tomou a presidência depois de Lorena sair. Nunca vimos nem sequer a sombra, nem uma assinatura, nada. Agora, o portão tem cadeado, é necessário autorização para entrar. O que era encanto hoje é pranto. O que luzia, já não se sabe mais.

Isso tudo sobre a Associação Santa Luzia, é claro. Porque Lorena luz em qualquer canto nesse espaço tempo.

Figura 46



Fonte: Desconhecido. Ano: Desconhecido. Arquivo pessoal de Lorena.

“Graças aos voluntários, gente de Deus que doam os alimentos, nós ajudamos as pessoas idosas” (Lorena).

Lorena, ao centro, com o casal de idosos, Ana e Joaquim, que foram assistenciados pelo projeto na sede enquanto estava em vigência sob competência de Lorena.

3. Pintar e bordar: a tentativa de aprender com as mulheres de Ouro, Conceição e Lorena

Entende-se por cultura todas as ações por meio das quais os povos expressam suas “formas de criar, fazer e viver” (Constituição Federal de 1988, art. 216). A cultura engloba tanto a linguagem com que as pessoas se comunicam, contam suas histórias, fazem seus poemas, quanto a forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos, rezam, fazem festas. Enfim, suas crenças, suas visões de mundo, seus saberes e fazeres. Trata-se, portanto, de um processo dinâmico de transmissão, de geração a geração, de práticas, sentidos e valores, que se criam e recriam (ou são criados e recriados) no presente, na busca de soluções para os pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam ao longo da existência. (IPHAN, 2012, p.7).

Figura 47



Fonte: Arquivo pessoal. Lorena ao centro, com a carta de anuência em que consta o visto da presidência da sede permitindo a atuação do coletivo Descentraliza no local. Ao seu lado direito, as alunas do curso de bordado; à esquerda, Glauber, o grafiteiro que nos acompanha no voluntariado, responsável pela pintura da fachada; ao lado esquerdo de Glauber está Rosa; Conceição, a ministrante, segurando as produções feitas em aula, e eu.

O patrimônio imaterial engloba a ação do ser humano em uma sociedade. Dentro dessa perspectiva, a mulher bordadeira se destaca como portadora de um conhecimento, transmitindo, assim, às futuras gerações, a preservação da prática, da cultura, dos costumes e da história através da nutrição da memória. Essa habilidade é passada principalmente através da comunicação oral entre as mulheres envolvidas no processo de ensino-aprendizagem de cada ponto, utilizando-se de técnicas manuais. Cada ponto de bordado criado por essas mulheres expressa sua própria identidade, tornando cada peça única. Por isso, mesmo que a

técnica seja ensinada, não é possível replicar a marca pessoal de cada bordadeira ao longo dos anos.

O objetivo de acompanhar as aulas de Conceição foi, para além da participação, criar um vínculo mais íntimo com as mulheres do curso de bordado, partindo assim, para uma aproximação em ritmo crescente com a comunidade do entorno.

O curso é voltado para mulheres e trabalha o bordado “amigurumi”, técnica de bordado de origem japonesa baseado na construção de animais, bonecas, entre outros, feito por tramas de tecido¹². A ideia partiu da ministrante com a finalidade de proporcionar uma atividade que desse um retorno financeiro às participantes. Nas palavras de Conceição: *essa ideia começou antes da pandemia mas não demos prosseguimento por causa dela (pandemia). Aí fomos adiando até que em outubro do ano passado resolvemos começar. Na primeira e segunda semanas, tivemos bastante alunas mas após isso ficamos somente com duas alunas. Uma delas teve que trabalhar todos os dias e ficou fazendo os trabalhos dela nos horários de folga. Agora temos duas que são mais dedicadas, as outras aparecem num dia e às vezes nem voltam. A Helena que está na aula desde o começo já está vendendo os seus trabalhos.* (informação verbal)¹³.

É necessário compreender a arte do artesanato como um aspecto cultural e histórico de nossa sociedade. Trata-se de um sensível processo de construção e recriação da memória, que, no fazer, busca aperfeiçoar técnicas manuais e acaba por assim revelar um trabalho conectado à narrativa da história local juntamente com o conhecimento especializado. Desse modo, fortalece-se a compreensão de uma atividade cultural imaterial, transmitida por meio de ensinamentos. Além disso, é uma soma na contribuição para se preservar a identidade cultural das mulheres, responsáveis pelo desenvolvimento do bordado.

Sobre bordado, produção criativa e o ensino da arte, pode-se extraír de Ana Mae Barbosa que:

O primeiro ponto é que a experiência estética em geral, incluindo aqui um de seus aspectos particulares, a experiência estética visual, já é desfrutada pelo indivíduo antes que ele entre para a escola. Portanto, não a introduzimos para nossos alunos mas incrementamos a partir de algo que já está lá. O segundo, é que as artes plásticas, que entre outros estímulos, provocam a experiência estética visual, devem incluir hoje muito mais que óleo em moldura dourada e o mármore sobre o pedestal dos museus. Devem incluir artesanato e arte popular, em particular, e a mídia eletrônica como cinema e televisão. O terceiro aspecto é que a produção de arte de

¹² RAMIREZ SALDARRIAGA, J. *Amigurumi* [S. l.], 2016. Disponível em: <Disponível em: <https://aaltodoc.aalto.fi/handle/123456789/22799> >. Acesso em: 21 de abril de 2023.

¹³ Todos os trechos extraídos de conversas são apresentados em itálico neste trabalho.

ateliê não é necessariamente a maneira mais eficaz de promover o crescimento em extensão e qualidade da experiência estética visual. (BARBOSA , p. 72, 2010)

Ao se envolver com a arte do bordado, as mulheres da comunidade se inserem em um

da circulação de renda local. Dessa forma, elas preservam um patrimônio considerado tanto material quanto imaterial¹⁵. O patrimônio imaterial está intrinsecamente ligado ao domínio de determinada técnica, enquanto a memória desempenha um papel fundamental na sua expressão artístico-cultural. Já o patrimônio material é representado pelas próprias peças, que são preservadas de acordo com a singularidade de cada bordadeira (IPHAN, 2012).

Durante as aulas de Conceição, foi possível notar que o bordado é produzido por meio do trabalho realizado pelas mulheres como um complemento da renda familiar. Resulta-se também dessa atividade sociocultural a produção de sentidos e significados artístico-culturais, que contribuem na construção de um patrimônio cultural imaterial. É uma interação entre o saber do conhecimento e o fazer na constituição de cada ponto do bordado, com o passar dos anos, esse conhecimento torna-se uma reconstrução dos ensinamentos e aprendizagens, seja por membros da mesma família ou amizades em comum; a memória permanece reconstruindo essa sabedoria entre as mulheres bordadeiras do município. No momento em que uma pessoa busca unir partes de uma história, é possível enumerar uma série de vestígios que representam toda uma construção histórica e cultural de uma sociedade.

Entra-se em contato com o universo da arte que cria frestas e possibilidades diversas a partir daí. Da oficina de bordado já surgiu a ideia de cadastrarmos as alunas no grupo de artistas artesãs da cidade para que possam vender suas produções no centro. Além disso, em conversas paralelas, uma das mães, enquanto bordava, começou a indicar desejos de novos cursos na Associação de Bairro dos Moradores Unidos, e um deles é a criação de um curso popular de alfabetização das mães da região. Conversei com Guilherme e pensamos em como planejar um cursinho de alfabetização com metodologias freiriana que pudesse abranger uma atividade extensiva de oficinas com filhos e alfabetizar as mães, uma vez que elas levam as crianças na sede para serem supervisionadas.

¹⁵ O IPHAN, com o decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, mostra como o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial passou a ser considerado patrimônio cultural brasileiro. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. -- 3. ed. -- Brasília, DF : Iphan, 2012, p. 12-19.

Foi possível perceber na atividade, entre um bordar e outro, a potência que a troca entre elas pode despertar. E na troca se encontra a construção. A construção da identidade é um verdadeiro mosaico de influências, derivadas de diversos contextos e situações. A trajetória de vida, a história familiar, a origem geográfica e o modo particular de se relacionar, comunicar e criar são apenas alguns dos elementos que compõem essa complexa malha identitária.

Ao se relacionar com o mundo e com os outros, cada ser se veste de múltiplas camadas, adicionando nuances à sua identidade global. Assim, a construção de quem somos é um processo contínuo, dinâmico e multifacetado, repleto de experiências, valores. Portanto, é preciso reconhecer a vasta gama cultural identitária para a composição da sociedade. Afinal, é justamente na complexa diversidade de identidades que se encontra a potência da comunidade.

As pessoas de cada grupo social compartilham histórias e memórias coletivas, visões de mundo e modos de organização social próprios. Ou seja, as pessoas estão ligadas por um passado comum e por uma mesma língua, por costumes, crenças e saberes comuns, coletivamente partilhados. A cultura e a memória são elementos que fazem com que as pessoas se identifiquem umas com as outras, ou seja, reconheçam que têm e partilham vários traços em comum. Nesse sentido, pode-se falar da identidade cultural de um grupo social. (IPHAN, 2012, p. 7-8).

E ainda: pensando por esse viés, como compreender quais são as identidades culturais manifestadas na região do entorno? Como estabelecer conexões culturais fortalecidas dentro de uma comunidade? Como entender sobre representatividade dentro dos bairros que a Associação de Bairro dos Moradores Unidos contempla?

Sobre a atuação sociocultural como método de resistência nas ações comunitárias, em termos espaciais, é possível percebê-la diante do fato de escolher se cultivar, morando ou em atividade, dentro da própria comunidade — a questão aqui é existir no território a que se pertence, ou que se intenta agregar enquanto agente estimulante e aprendiz, e criar identificação com esse espaço, se fortalecendo através das relações que se estabelece por conseguinte. Pensar cultura é pensar território. De acordo com Milton Santos:

Cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos. A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido por intermédio do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o cimento. (SANTOS, 2020, p. 81).

É válido direcionar o olhar para a noção de que territórios urbanos não podem ser vistos como espaços isolados e fixos, assim como as culturas que os permeiam. Na realidade, eles devem ser entendidos como tramas interconectadas. (HAESBAERT, 2014). Por esse viés, a resistência cultural dentro das comunidades desafia a noção de espaços marginalizados e revela sua força mesmo diante das adversidades de informalidade, carência e violência. Habitar, se fazer presente nessas comunidades, historicamente, significa ser excluído e oprimido por um sistema colonizador racista. Essas comunidades são rotuladas e condenadas à degradação social e urbana, perpetuando uma exclusão ideológica e simbólica. No entanto, ações populares socioculturais dentro das comunidades têm o poder de criar uma identificação e estabelecer um novo relacionamento entre o ser humano e o espaço geográfico.

As atuações populares dentro das comunidades têm o poder de criar identificação com o espaço geográfico, estabelecendo uma nova forma de relação entre o ser humano e a espacialidade. Isso é um significativo aceno de resistência e de transformação dessas realidades invisibilizadas. Essa resistência cultural desafia as noções de espaço estabelecidas e oferece uma perspectiva como alternativa, ressaltando que a comunidade tem seu próprio valor e potencial. É um movimento de fortalecimento da identidade cultural e reinvenção.

Ao fazer essa mobilização de reconhecer e valorizar a resistência cultural nas comunidades, podemos abrir espaço para novas formas de pensar e viver a espacialidade, que são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Inclusive, deve-se atentar para a importância da territorialidade que não se limita apenas ao aspecto político, uma vez que esta engloba questões econômicas, identitárias e culturais. Desse modo, a cultura desempenha um papel crucial ao criar uma identidade entre o indivíduo e o seu entorno, resultando em diversas formas de territorialização em um ambiente complexo e em constante confronto. Segundo Haesbaert (2002), o território provém de uma dinâmica envolvida por forças em desequilíbrio, nas quais se entrelaçam o domínio político do espaço e a sua apropriação simbólica. Essas dimensões, por vezes, se alinham e se fortalecem mutuamente, enquanto em outras ocasiões se desconectam e se articulam contraditoriamente (HAESBAERT, 2002, p. 121).

Haesbaert (2017) defende que a compreensão de território está intrinsecamente relacionada às dimensões políticas. Essa abordagem do conceito de território proposta por Haesbaert (2002) leva em consideração as dinâmicas sociais, políticas e emocionais que permeiam as relações espaciais, e, nessas interações, há uma disputa pelo controle do espaço, envolvendo apropriações, conflitos, afetos e senso de pertencimento. Portanto, é importante

compreender o território como um fenômeno complexo, que vai além das meras delimitações geográficas.

Ademais, segundo Haesbaert (2017), é fundamental considerar também a dimensão simbólica, pois é através dela que surgem as identidades territoriais – o sentimento de pertencimento e identificação que determinados grupos sociais desenvolvem em seus espaços de vivência e territórios.

Tecendo Milton Santos e Haesbaert para resgatar o que aconteceu na Associação Santa Luzia, o que se pode perceber é que no período gerenciado por Lorena, havia um reconhecimento, uma conexão da comunidade com ela, com as ações desenvolvidas e, consequentemente, com o espaço; ou seja, nitidamente havia sua ocupação, porque havia pertencimento, representação e identificação. À medida que vão subtraindo e substituindo participações de figuras que não têm o interesse voltado para a comunidade, que se formam grupos de agentes provindos de um outro lugar, seja socioeconômico, seja de interesse, essa mobilização se desfaz. O mesmo lugar que era capaz de acolher quinhentas crianças em dia de festividade, atualmente não comporta mais de cinco.

Já na Associação de Bairro dos Moradores Unidos, no Pingo de Ouro, onde Lorena se encontra atualmente, as atividades que pude acompanhar são variáveis. As aulas de bordado têm, em média, cinco alunas, um pouco mais. A festa junina, voltada para as crianças da região, comportou mais de trinta crianças. A sede é bem menos estruturada que a de Santa Luzia. A do Pingo de ouro não tem fiação em alguns cômodos, não tem instalações devidas, a obra não está finalizada, a estrutura está bem precária, porém, a questão de contrapartida é que ali acontecem ações voltadas para a comunidade. E essa é a potência do desenrolar das possibilidades.

Em Santa Luzia o espaço era ideal — o espaço que Lorena construiu, mas não havia apoio, nem parceria ou cooperação para que pudéssemos tentar, talvez, criar um projeto sociocultural educativo que mobilizasse a região. Aliás, acredito que isso era o que o presidente e o vice menos queriam. Aparentemente a Associação hoje existe quase como um local particular dos líderes atuais. Já no Pingo de Ouro é notório a vontade dos moradores por participação em ações culturais, educativas e de lazer. Durante minhas visitas no local, vários deles vieram me dar sugestões de atividades, cursos e oficinas que têm interesse em se envolver.

Eu demorei um pouco a conseguir aceitar o que Jozeli me tinha dado como conselho, o de esquecer Santa Luzia. Para mim foi muito difícil, pois eu via muita possibilidade ali dentro. Eu via toda a vida que Lorena fez um dia acontecer poder nascer de novo antes

mesmo de conhecê-la. Entretanto, comprehendi que muitas vezes sem cooperação de outras partes não há o que fazer a não ser dar um passo para trás e olhar novos horizontes. Entre as Serras, encontrei um possível Ouro a nascer, pequenininho, um Pingo, mas começo, dessa vez, com Lorena. E agora ela não estará mais sozinha.

4. Territórios de possibilidades, tensionamentos

Mais que nunca, é preciso que se infiltre a Arte por todos os espaços onde se possa infiltrar, em todos os tempos que estiverem à disposição e em todos os espaços que puderem ser ocupados. (PIMENTEL, L., 2018. p. 75-82.)

As reflexões acerca das classificações entre educação escolar e não escolar, bem como uma terceira categoria, tida como educação informal, serão consideradas a partir das definições básicas e principais dos conceitos de José Carlos Libâneo (2002) e Maria da Gloria Gohn (2008, 2020), que em determinadas conjunturas buscaram explicações para tais modalidades educacionais.

De acordo com Libâneo (2002), a educação não escolar¹⁶ faz um movimento de ruptura com certas características demarcadas provindas da educação escolar, em uma tentativa de afastamento de alguns métodos hierárquicos e institucionais convencionais.

A educação social, por sua vez, também apresenta objetivos explícitos de aprendizagem ou formação. Entretanto, ela se realiza fora dos transmites institucionais escolares, rompendo com uma variedade de normas que definem os parâmetros de uma educação escolar. Portanto, sendo mais desprovida de limitações legais e burocráticas, tem-se também uma maior capacidade de se ajustar a alterações maneira provavelmente mais hábil, flexível, versátil e dinâmica que na instância das formalidades. Dessa forma, definindo-se essa esfera educativa como espaços educacionais não escolares.

A educação não escolar parece estar mais proximamente vinculada a lugares onde a relação com atuação comunitária encontra-se mais propagada. Além disso, a educação não escolar está estreitamente relacionada aos serviços educativos em espaços culturais, às ações vinculadas ao terceiro setor, instituições financiadas pública e/ou privada com investimentos na área educacional e cultural (GOHN, 2008).

¹⁶ Os termos adotados pelos autores eram educação formal, não formal e informal, entretanto foi escolhido atualizá-los nesta pesquisa para educação escolar e não escolar, entre outros como ações comunitárias etc. O significado do termo “formal” se relacionava diretamente a “algo inteligível, estruturado, o modo como algo se configura” (LIBÂNEO, 2002, p. 88), a educação planejada, estruturada, regulamentada. O que difere a educação formal e não formal, nesses termos, para Libâneo, seria apenas o “baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente em relações pedagógicas, mas não formalizadas” (LIBÂNEO, 2002, p. 89).

A educação não escolar normalmente se articula em diversos espaços, entre eles podendo ser associação de bairros, nas organizações que gerenciam e estruturam os movimentos sociais, nas igrejas, nas organizações não governamentais, nos espaços culturais, nos espaços interativos da escola com a sociedade etc. Nesses espaços, encontram-se diferenças no tempo do processo ensino e aprendizagem por haver mais flexibilidade na proposta dos conteúdos elaborados.

A educação não escolar é aquela que, para Gohn (2006), se aprende no cotidiano, cujas experiências são partilhadas coletivamente. O espaço voltado para este modo de educação é o próprio local do indivíduo ou da comunidade / grupo onde acontece a interação e intenção de ensino-aprendizagem. Acontece em um ambiente onde as possibilidades são elaboradas coletivamente, as normas são estabelecidas por grupos referidos e a participação não é obrigatória. Há, na educação comunitária uma intencionalidade na ação, na participação, no ato de aprender e de transmitir ou trocar saberes, vivências e compartilhamentos.

Um dos traços deste formato de educação é educar o indivíduo para a cidadania. O intuito da ação comunitária geralmente é direcionado ao trabalho e fomento da cultura política que estimule a formação vínculos de coletividade. Assim, procura-se promover a autoestima individual e da comunidade, interesses comuns e solidariedade. Sob esta composição, almeja-se atingir alguns resultados de relevância para a coletividade como a conscientização, construção da identidade da comunidade, além de formar o indivíduo, na valorização de si próprio, colaborando no aprendizado da leitura e interpretação do mundo no qual está inserido (GOHN, 2006).

Segundo Libâneo (2010), toda conjuntura social e comunitária está envolvida com a educação, uma vez que envolve o indivíduo tem influência do meio:

Na casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante (LIBÂNEO, 2002, p. 26).

Para Libâneo, a educação ocorre em diversificados espaços frequentados pelos indivíduos, sendo, portanto, a educação comunitária um resultado de atuações e forças que atravessam a vida, o ambiente sociocultural e a sua relação com o meio.

Esses apontamentos demonstram que a educação tem uma função na vida do sujeito em sociedade nos mais diversos âmbitos dos saberes e que todo ato educativo, quer queira quer não, é intencional. Mesmo em ações e experiências mais casuais e espontâneas, que na grande maioria das vezes são lidas como não intencionais, por não trazerem nitidamente um formato intencional e estrutural de ensino, está interligada aos vários campos da educação, decorrentes das vivências e exigências da sociedade contemporânea que em um aspecto mais ampliado, percebe sua presença nos segmentos da sociedade (LIBÂNEO, 2002).

A intenção é refletir acerca do potencial educativo da arte e seu caráter formativo. No entanto, sabe-se sobre a precarização que os profissionais da arte e cultura enfrentam, pois esses agentes são injustamente desvalorizados devido a normas, preconceitos e falta de compreensão sobre seu papel na educação do país. É pensando em alternativas movidas pela intencionalidade de explorar a arte em ambientes plurais que se discutem aqui questões acerca da educação formal e informal.

A questão aqui não é invalidar ou criar uma sensação de rivalidade ou disputa entre a educação formal e a educação não formal. Muito pelo contrário, a educação não formal não deve ser vista como uma alternativa de suprimento do papel e representação da escola e do ensino formal. No entanto, pode-se afirmar que ambas as modalidades são construídas com base na intenção dos agentes envolvidos, no método e na sistematização do processo.

De acordo com Gohn (2020, p. 12), esse processo é “[...] sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade”. Gohn reforça a importância de reconhecimento da intencionalidade que há por trás da criação de espaços de educação não escolares; uma vez que esses espaços não surgem de maneira “espontânea”, tais processos provêm de uma série de práticas socioculturais que envolvem organizações e/ou instituições, programas, projetos culturais entre outros.

O que acontece também é que existe uma noção que desvaloriza a educação comunitária, associando-a ao não pertencimento da área educacional, uma vez que não se enquadra na categoria do “escolarizável”. Assim, os projetos socioculturais são elaborados seguindo as demandas locais. Normalmente, encontra-se maior flexibilidade dentro da formulação nas etapas de planejamento à elaboração dos projetos, podendo gestionar suas ações pedagógicas com mais liberdade. A frequência dos participantes segue um ritmo de acordo com os níveis de interesse nas atividades a serem realizadas. Atividades intergeracionais costumam ser bem recebidas, pois possibilitam trocas entre diversas idades, promovendo uma junção de público infantil, jovem e idoso (GOHN, 2008).

Tanto a educação escolar como a não escolar são capazes de promover trocas extremamente valiosas e potentes. A educação escolar historicamente carece de uma série de recursos e apoios, além de melhorias nas condições de trabalho. Por outro lado, a educação não escolar encara vulnerabilidades e instabilidades, relacionadas, inclusive, à formação de educadores.

Aliás, um parêntese: normalmente atrela-se à educação não escolar um caráter voltado para práticas políticas e críticas mais acessíveis e aproximadas da realidade das comunidades. Porém, pensando na vivência adquirida por meio do estágio realizado através do Programa Unificado de Bolsas (PUB-USP) Residência Pedagógica¹⁷, na EMEF Espaço de Bitita, é possível também levantar uma contrapartida a esse caso. Escolas têm uma pluralidade abarcadora de existência. A eficácia de práticas e didáticas pedagógicas educativas transformadoras e pulsantes que a educação escolar tem plena condição de executar também deve ser levada em consideração.

A educação não escolar não deve entrar como elemento substituível da escola, assim como também não é inferior ou menos potente que ela e não tem sua existência exalada para preencher as falhas ou ausências não sustentadas pela educação escolar, pois, como indica Gohn (2020, p. 13): “Os programas e projetos da educação não formal devem cruzar, atuar e potencializar a educação formal, não como mera complementação, mas como diretriz estruturante”. De acordo com Gohn, é crucial que haja uma compreensão e uma disposição de manutenção da parte dos gestores responsáveis pelas políticas públicas, sobre a urgência dessa articulação do escolar com o não escolar.

Por fim, ainda segundo a linha de Gohn (2020), a educação advinda de ações associativas coletivas é um instrumento relevante no processo de formação e construção da cidadania, em qualquer, grau ou nível social ou de escolaridade, em especial, no que tange a juventude. Como dito anteriormente, por ter uma característica mais flexibilizada, de forma mais moldável, é capaz de acessar mais facilmente a afeição e o imaginário do público jovem. Ela pode aumentar as oportunidades civilizacionais, entre as quais estão a inclusão social e o combate ao preconceito, entre outras questões urgentes.

Vinculada a processos sociais elaborados em comunidades carentes socioeconomicamente, descentralizadas e/ou periféricas espacialmente, a ação comunitária

¹⁷ O Programa de Residência Pedagógica é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>

possibilita processos de inclusão social por meio da retomada da valorização identitária cultural local, encontrada na diversidade de práticas, valores e saberes antecedentes. As práticas de educação não escolares têm a capacidade de acrescentar mais gradativamente em uma comunidade durante o processo de aprendizagem, servindo de maneira complementar a outras esferas que não cabem nos modelos curriculares.

É um outro modo de formar cidadão, em processo participativo sociocultural e político na construção da cidadania, conforme Gohn (2018, p.71), se auto citado em (2020, p. 14):

[...] a participação objetiva fortalecer a sociedade civil para a construção de caminhos que apontem para uma nova realidade social, sem injustiças, exclusões, desigualdades, discriminações etc. O pluralismo é a marca desta concepção de participação na qual, os partidos políticos não são os únicos atores importantes, há que se considerar também os movimentos sociais e os agentes de organização da participação social, os quais são múltiplos. Uma gama variada de experiências associativas é considerada relevante no processo participativo tais como grupos de jovens, de idosos, de moradores de bairros etc. Os entes principais que compõem os processos participativos são vistos como “sujeitos sociais” - não se trata, portanto de indivíduos isolados e nem de indivíduos membro de uma dada classe social.

5. Coletivo Descentraliza, tramar e tecer entre Serras

A produção de arte e cultura cria aberturas capazes de transformar ambientes. Quando há o investimento em processos formativos, a troca de saberes com diferentes experiências e fomento cultural alimentam espaços livres de formação e criação que podem permitir a continuidade da resistência da arte como intervenção social. As ações do projeto têm intrínseca concordância com questões relacionadas a decolonialidade e métodos subversivos de como atuar, sobretudo, ao se deparar com o processo de exclusão nos quais muitos bairros descentralizados, espaços alternativos e não formais estão submetidos. Sendo, portanto, uma luta dentro das Artes, da Arte Educação e da Cultura, que o coletivo tenta produzir a partir de ações de insurgências e resistências independentes.

Para Coelho (2001)¹⁸, a noção de ação cultural é indeclinavelmente social, visto que sua concepção carrega por si só uma ideia utópica, na procura de uma democratização cultural na qual indivíduos se transformem em sujeitos da cultura, produzindo as próprias condições, meios e fins de sua realização. É notório, portanto, que sejam viabilizadas ações que despertem de espaços marginalizados da cidade, tornando possível, assim, a visibilidade do

¹⁸ Coelho, T. *O Que é Ação Cultural*. São Paulo: Ed. Brasiliense. 2001.

protagonismo de novos atores sociais capazes de reconfigurar e repaginar a cooperação no exercício da cidadania.

Quando ocorre esse movimento de recomposição de atividades culturais dentro das comunidades, essas ações promovem a permanência do educativo dentro daquele local específico, além de superar ideias pré-concebidas, como a questão da invisibilidade. Os responsáveis pelos projetos também resistem em uma atmosfera social, visto que vez incentivam os participantes a saírem do anonimato e da indiferença.

Ao lutar contra o estereótipo dominante, os sujeitos das ações culturais se afirmam enquanto cidadãos e, ao lutar pela valorização da produção comunitária, as ações culturais se afirmam enquanto grupos.(VAZ, L. F. e SELDIN, C, 2007, p. 3).

Esse é um dos argumentos que se pode levantar sobre a relevância da arte educação em projetos culturais na potencialidade de encontro com o outro e de proliferação de um discurso mais libertário. Pode-se entender a arte enquanto recurso simbólico de resistência cultural, na mediação da transformação social, tendo em vista a adoção de mobilizações que operem em um quadro mais plural, direcionado a uma vivência mais real, presente e específica. Ao irradiar práticas socioculturais formativas vinculadas aos grupos marginalizados e excluídos, essas ações acabam por conduzir também a uma resistência cultural, atingindo de modo mais eficaz no que diz respeito à diversidade.

As ações culturais têm o poder de unir a multiplicidade e a resistência, promovendo uma gama de subjetividades capaz de revelar a presença de corpos tidos como excluídos. Essa rede de ação subversiva deságua em uma série de desdobramentos: em nível social, colaborando para o fortalecimento da identidade e autonomia na reestruturação da trama social; economicamente, através do desenvolvimento de atividades geradoras de renda e que colaboram para a valorização de produtores locais; territorialmente, tornando mais legítima a ocupação espacial, modificando o seu entorno, além de como se olha e se pensa esse lugar, e, em relação ao aspecto sociocultural, registram e/ ou recuperam memórias e práticas culturais locais. Este complexo de efeitos contribui ainda para a criação de novas subjetividades.

Com a certeza da importância de desenvolvermos ações culturais na perspectiva mencionada acima, para o ano de dois mil e vinte e três, elaboramos o planejamento de um projeto com duração de um ano de atividade na Associação sediada no bairro Pingo de Ouro, onde atuamos juntamente com a liderança de Lorena, e demais localidades. Se conseguirmos a aprovação pelo EDITAL PROAC Nº 43/23 Formação em arte e cultura/ Realização de

cursos e oficinas¹⁹, manteremos a programação das atividades conforme descritas. Entretanto, caso não seja possível a efetivação do projeto através de um incentivo, decidimos concentrar todas as nossas atuações na Associação de Moradores dos Bairros Unidos e na Escola Estadual Clotilde Ayello Rocha (quando a sede não tiver suporte estrutural) de maneira voluntária.

Pretende-se apresentar o conjunto de ações que foram elaboradas pelo coletivo Descentraliza pela urgência de produzir e cultivar ações voltadas à diversidade cultural com acessibilidade social, com foco direcionado para uma cultura com caráter mais plural e descentralizado.

Nós, os membros do coletivo, pensamos em ações baseadas em interesses, tanto nossos individuais, quanto formadores e fazedores, quanto possibilidades, necessidades, vontades e dificuldades estipuladas pelas comunidades que investigamos. Tuta, por ser produtora cultural e já ter experiência, atuado em três festivais do Capivara²⁰, conhece consideravelmente a região e demanda do público jovem; Jozeli, Lincoln e Rosa, têm experiências em diversas escolas da rede pública do Vale do Paraíba; Guilherme frequenta os cenários de rap e hip hop da cidade (Quem tá na quinta e Barracão do rap), acessando, portanto, mais um espaço cultural de circulação de cenas marginalizadas na cidade. A mim, habita o impulso de compartilhar um conhecimento formativo adquirido em passagens dentro de instituições culturais e na própria universidade. Sinto que atualmente vivo um processo de migração reversa, na qual saí da minha cidade, adquiri experiências, adquiri vivências e retornoi para agregar na minha íntegra capacidade de realizar ações transformadoras em locais que urgem por mobilizações sociais. Então, o levantamento de ideias para a elaboração das atividades partiu dessas referências e vivências que experenciamos na região, para além das que foram desenvolvidas nas Associações Santa Luzia e Bairro dos Moradores Unidos.

¹⁹ O Programa de Ação Cultural – ProAC foi instituído pela Lei 12.268 de 20 de fevereiro de 2006. O ProAC ICMS é o mecanismo estadual de incentivo fiscal para projetos culturais, no qual o projeto aprovado antecipadamente pela Comissão de Análise de Projetos (CAP) recebe autorização para captar patrocínio junto a empresas que terão o desconto no ICMS devido, ou seja, o ProAC Editais é um programa de fomento da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado destinado a apoiar financeiramente projetos que tenham por objetivo a formação em arte e cultura visando à realização de cursos e/ou oficinas, por proponentes sediados ou domiciliados no Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.proac.sp.gov.br/wp-content/uploads/MANUAL-DO-PROONENTE.pdf>>

²⁰ O Festival Capivara é uma organização de movimentos juvenis de Guaratinguetá, sendo um evento gratuito, voltado aos interessados em cultura e artes da região do Vale do Paraíba com intuito de fomentar e promover atividades culturais na cidade. O Festival oferece apresentação de bandas locais, artistas, performances, dança, teatro, roda de leitura e promove um espaço para a venda e divulgação de produtos de pequenos produtores locais. Disponível em *Uma conversa com Tuta Gama: movimentos independentes nas cenas de Guaratinguetá*, disponível no portal do GMEPAE: <https://gmeiae.com.br/acervo/uma-conversa-com-tuta-gama-movimentos-independentes-nas-cenas-de-guaratinguetá/>

O projeto foi estruturado pensando em uma duração equivalente a um ano de execução. As oficinas e minicursos acontecerão, majoritariamente, aos sábados e domingos, com exceção de algumas atividades programadas para serem efetuadas ao longo da semana, em especial no período de férias escolares. As rodas de conversa serão realizadas sempre aos domingos. Ao passo que a construção e a revitalização do espaço serão estipuladas ao decorrer das ações, visto que há no planejamento do projeto a construção de uma horta coletiva e revitalização dos espaços, principalmente um local em desuso, onde se pretende criar uma biblioteca.

Dentre as atividades programadas estão:

- Criação de biblioteca no espaço em desuso.
- Criação da horta comunitária.
- Ciclo de debates e conversas sobre literatura do vale do Paraíba.
- Ciclo de palestras de Ciências Sociais e História do Brasil.
- Ciclo de debates sobre conscientização e identidade racial.
- Clube da literatura e leitura em conjunto.
- Minicurso de investimento em pequenos negócios.
- Minicurso educação financeira para a juventude.
- Oficina intensiva de Teatro nas férias escolares.
- Oficina de como estruturar um currículo.
- Oficina de Grafitti.
- Oficina de Slam.
- Oficina de criação de cartazes e lambe lambe.
- Oficina de Xilogravura e Cordel, personagens do folclore regional.
- Oficina de serigrafia com produção de estamparia em camisetas e ecobags.
- Oficina de fotografia digital.
- Oficina de introdução à cerâmica.
- Oficinas de cantos populares brasileiros baseados no disco Goma-laca, Cantos Populares do Brasil, de Elsie Houston.
- Oficina de produção de tintas naturais.
- Oficina de Breakdance.
- Oficina de dança Funk.
- Oficina de dança Jongo da Tamandaré.
- Oficina de edição de vídeo pelo celular.
- Roda de conversa e leitura sobre feminismo negro.

- Roda de conversa e leitura sobre o lugar da mulher negra e o mercado de trabalho.
- Roda de conversa e leitura sobre violência doméstica.
- Roda de conversa e leitura sobre identidade de gênero.
- Roda de conversa e leitura sobre masculinidade.

Todas as atividades culturais serão gratuitas: ciclo de debates, ciclo de palestras, minicursos, oficinas, rodas de conversa e demais atividades serão feitas com supervisão do coletivo Descentraliza nos seguintes locais: Associação de Moradores dos Bairros Unidos — que abrange o complexo dos bairros Pingo de Ouro, São Sebastião, Los Angeles, Bosque dos Ipês, São Benedito, Retiro 1 e Retiro 2; Associação Cultural Quilombolas do Tamandaré; CEU (Centro de Artes e Esportes Unificados Dr. José Aguiar Marins); sede da Escola de Samba Beira Rio da Nova Guará; Escola Estadual Clotilde Ayello Rocha, e parques ecológicos — Parque Ambiental Santa Clara e Parque Ecológico Municipal Anthero dos Santos. As oficinas, minicursos e palestras oferecerão emissão de certificado, caso haja interesse dos participantes.

Para validar nosso projeto, entramos em contato com os locais almejados e fizemos parceria com sede de escola de samba (Beira Rio), escola estadual (Clotilde Ayello Rocha), espaço de jongo do mestre Jefinho e a Associação. As cartas de anuência das organizações são uma forma de comprovação das parcerias que buscamos e acreditamos para promover as ações culturais com intento comunitário e associativo.

Serão realizadas ações culturais e socioeducativas como ciclos de debates, ciclo de palestras, minicursos, oficinas e rodas de conversas, ao longo do período de um ano, desde a vigência do projeto. Todas as atividades de fomento cultural oferecerão emissão de certificado. Para todas as atividades serão efetuadas fichas de inscrição e lista de presença, com caráter de documentação e finalidade de registro.

Os registros serão feitos por meio de fotos, vídeo e documentação tanto da etapa de elaboração, produção e planejamento quanto do processo de realização e finalização das ações. A produção audiovisual será compartilhada através das redes sociais, possibilitando um meio de acesso às atividades do projeto para um público mais amplo e diverso.

a) Equipe técnica do projeto

	Nome	Função exercida no projeto

1	Camila Vasques da Silva	Mentora, Oficineira, Palestrante, Fotografia e Vídeo
2	Rosa Maria Alves da Silva Santos	Gestora de projetos, Palestrante e Marketing
3	Lincoln Éder dos Santos Leite	Assessor, Palestrante e Divulgação
4	Guilherme Nascimento Claudino	Oficineiro, Palestrante, e Fotografia
5	Gilliany Gama	Oficineira e Divulgação

b) Estratégia de ação / cronograma 2023:

Ações	Descrição	Quando
Pré-produção	Abertura de conta; Reuniões com equipe, Associações Culturais, Escola Clotilde Ayello Rocha, sede da Escola de Samba Beira Rio da Nova Guará e Secretaria de Cultura.	Fevereiro
Construção e revitalização dos espaços	Revitalização, construção e reforma do espaço físico da Associação de bairro.	Fevereiro e Março
Realização das atividades (minicursos, debates palestras, oficinas, rodas de conversa e leitura)	Processo de produção e realização das ações culturais abertas ao público mediante atuação do coletivo.	Março, Abril, Maio, Junho , Julho, Agosto, Setembro, Outubro e Novembro

Registros e Divulgação	Realização de registros em fotografia, vídeo e documentação; produção e divulgação de materiais.	Março, Abril, Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro, Outubro e novembro.
Pós Produção	Fechamento de processo junto à equipe, realização de relatórios e organização do material para prestação de contas.	Novembro e Dezembro

c) Quadro geral das atividades do projeto:

ATIVIDADE	QUANDO	ONDE	PÚBLICO ALVO
Criação de biblioteca comunitária no espaço em desuso	Março	Associação de Moradores dos Bairros Unidos	Aberto para todos os públicos, sem limite de vagas.
Criação da horta comunitária	Março	Associação de Moradores dos Bairros Unidos	Aberto para todos os públicos, vagas limitadas de acordo com o espaço do local.
Oficina de produção de tintas naturais	Março	Associação de Moradores dos Bairros Unidos	Aberto para crianças e adolescentes, 30 vagas.

Oficina de Grafitti	Março	CEU	Público jovem, 30 vagas
Ciclo de debate sobre literatura do Vale do Paraíba	Abril	Parque Ecológico Municipal Anthero dos Santos	Público jovem, sem limite de vagas.
Minicurso de investimento em pequenos negócios	Abril	Associação de Moradores dos Bairros Unidos	Público jovem e adulto, 30 vagas.
Ciclo de palestras de Ciências Sociais e História do Brasil	Maio, Junho, Julho e Agosto	Parque Ambiental Santa Clara	Público jovem e adulto, vagas limitadas de acordo com o espaço do local.
Oficina de criação de cartazes e lambe lambe	Maio	CEU	Público jovem, 30 vagas.
Minicurso educação financeira para a juventude	Maio	CEU	Público jovem, 30 vagas.
Oficina de como estruturar um currículo	Maio	Associação de Moradores dos Bairros Unidos	Público jovem, 30 vagas.
Oficina de fotografia digital	Junho	Associação de Moradores dos Bairros Unidos	Público jovem e adulto, 30 vagas.

Roda de conversa sobre o lugar da mulher negra e o mercado de trabalho	Junho	Escola Estadual Clotilde Ayello Rocha	Público jovem e adulto, vagas limitadas de acordo com o espaço do local.
Oficina de introdução à cerâmica	Junho	Associação de Moradores dos Bairros Unidos	Aberto para todos os públicos, 30 vagas.
Oficina intensiva de Teatro nas férias escolares	Julho	Escola Estadual Clotilde Ayello Rocha	Público jovem, 30 vagas.
Oficina de Slam	Julho	CEU	Público jovem, 30 vagas.
Roda de conversa sobre identidade de gênero	Mês de Agosto	Parque Ambiental Santa Clara	Público jovem e adulto, vagas limitadas de acordo com o espaço do local.
Oficinas de cantos populares brasileiros baseados no disco <i>Goma-laca, Cantos Populares do Brasil</i> de Elsie Houston.	Agosto	Sede Escola de Samba Beira Rio da Nova Guará	Público jovem e adulto, 30 vagas.
Oficina de dança Jongo da Tamandaré	Agosto	Associação Cultural Quilombolas do Tamandaré	Aberto para todos os públicos, 30 vagas.

Oficina de edição de vídeo pelo celular	Setembro	Associação de Moradores do Parque São Francisco Amopasf	Público jovem e adulto, 30 vagas
Roda de conversa sobre violência doméstica	Setembro	Escola Estadual Clotilde Ayello Rocha	Público jovem e adulto, vagas limitadas de acordo com o espaço do local.
Oficina de serigrafia com produção de estamparia em camisetas e ecobags	Outubro	Associação de Moradores dos Bairros Unidos	Público jovem, 30 vagas.
Oficina de Breakdance	Outubro	Sede Escola de Samba Beira Rio da Nova Guará	Aberto para crianças e adolescentes, 30 vagas.
Roda de conversa sobre masculinidade	Outubro	Escola Estadual Clotilde Ayello Rocha	Público jovem e adulto, vagas limitadas de acordo com o espaço do local.
Oficina de Xilogravura em cordel, personagens do folclore regional	Outubro	CEU	Aberto para crianças e adolescentes, 30 vagas.
Roda de conversa sobre feminismo negro	Novembro	Escola Estadual Clotilde Ayello Rocha	Público jovem e adulto, vagas limitadas de acordo com o espaço do

			local.
Oficina de dança Funk	Novembro	Sede Escola de Samba Beira Rio da Nova Guará	Aberto para todos os públicos, 30 vagas.
Ciclo de debates sobre conscientização e identidade racial	Novembro	Parque Ambiental Santa Clara	Público jovem e adulto, vagas limitadas de acordo com o espaço do local.

Como foi dito anteriormente, no capítulo 2, as movimentações associativas dentro das comunidades têm o poder de promover identificação com o espaço territorial, criando, assim, uma maneira de se relacionar o ser e o espaço no qual se habita e/ ou circula. Dado crucial para se pensar métodos pedagógicos possíveis de fomento cultural como ação artística social de resistência e de transformação das realidades marginalizadas encontradas. Essas atuações de resistência contradizem as ideias de espaço estabelecidas e dispõem um horizonte que reluz à comunidade com seu valor próprio e significativo. É uma subversão de valores que se traduz em fortalecimento da identidade cultural. Ao subverter essa ordem, torna-se possível abrir frestas para outras maneiras de ocupar o território.

Assim, a arte, a educação e a cultura são portas e janelas capazes de cumprir um papel elementar na promoção da identidade entre o ser e o seu entorno, suas dinâmicas sociais, espaciais, políticas, apropriações etc. Por meio disso, os vínculos associativos feitos pelo coletivo Descentraliza com a Associação e demais locais culturais são de extrema importância para o projeto, visto que são espaços significativamente relevantes para o fomento da cultura regional independente e para a expressividade cultural da região, visto que o Jongo da Tamandaré é o berço do Jongo no país, o carnaval, em Guaratinguetá, é um dos eventos anuais mais marcantes na cidade. Então, fazer essa ponte com o mestre Jefinho e o Jongo da Independência, a sede da Escola de Samba da Beira Rio, a Associação de Bairro Moradores Unidos — localizada no bairro Pingo de Ouro, onde acontece a maior Congada da cidade, pode-se criar uma qualidade de desdobramentos e canais de acessos ao público, além do

fortalecimento da rede dessas culturas que até então encontram-se à margem dos eventos locais difundidos pela Prefeitura e demais fontes e investimentos institucionais.

6. Conclusão

Compreender o espaço e o território através das mobilizações socioculturais é uma possibilidade de descentralizar e sulear o pensamento, levando em conta os diversificados centros e forças que engendram os sujeitos nas suas redes de sociabilidades, comportamentos, afetos e estilos de vida. Indagamos como poderemos, por meio do fomento cultural, colaborar com uma maior identificação e representação dos moradores locais a partir de suas comunidades.

Neste trabalho de conclusão de curso, a intenção foi desenvolver reflexões enquanto produtores culturais independentes que se opõem à cultura hegemônica dos meios massivos por meio de uma prática educacional comunitária, associativa, não escolar, buscando novas sensibilidades estéticas e didático-pedagógicas alternativas.

Com isso, através de comparações analíticas teóricas, somadas às vivências locais, durante o período de 2022 até atualmente, em julho de 2023, pode-se perceber a realidade dessas participações, suas principais dificuldades enfrentadas, e elencar uma série de possibilidades de ações artísticas socioculturais políticas e formadoras capazes de fomentar a produção cultural dentro de uma comunidade. Essa transformação social e estética traz a possibilidade de considerar o alcance da relevância da intervenção artística que, nesse sentido, opera também como agente de cidadania ao acessar a multiplicidade étnica, artística e geográfica na apropriação cultural do território.

Para além das questões de representatividade cultural, identidade e territorialidade, podem-se trazer exemplos de luta social, de uma personagem marcante, como exemplo de agentes sociais e suas atuações. E, com isso, pensar um pouco sobre educação escolar e não escolar, quais aplicações, embates e contribuições para a sociedade a fim de debater seus usos em projetos socioculturais políticos dentro de comunidades.

A importância das trocas, do combate, da teimosia, do senso comunitário, dos saberes e fazeres, que se pluralizam diariamente nas tramas do território, tudo, por fim, nesse percurso, é aprendizado. Assim, gostaria de finalizar com um trecho extraído de Pedagogia da autonomia, de Paulo Freire:

[...] a prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e

da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar, se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes (FREIRE, 2010, p. 22).

Em uma sociedade compartilhada atribui-se responsabilidade e participação de todos, pautados em diálogo e troca. Permite ao indivíduo se colocar enquanto sujeito atuante, como membro de um coletivo, de uma comunidade, como participante de um projeto comum. Por fim, me sinto velejar junto aos membros do coletivo à Lorena, à Conceição, às alunas bordadeiras, às crianças e jovens das comunidades, aos voluntários que encontrei na Associação, ao mestre Jefinho do Jongo, cada um compondo à seu modo, sua participação na contribuição do que seria a participação associativa comunitária. Meu mestre de capoeira, mestre Calango, canta, em uma de suas músicas: mar calmo não faz marinheiro forte, mar calmo não leva jangada pro mar. No meio de tanta adversidade, encontrei Lorena.

7. Anexos²¹



Guaratinguetá, 04 de maio de 2023.

A Secretaria Municipal de Cultura informa ter interesse em receber o projeto "Ação Descentraliza".

Atenciosamente,



Aline Carla Damásio dos Santos
Secretaria Municipal da Cultura

²¹ Estão contidas no anexo todas as cartas de anuênciia recolhidas nos locais onde o coletivo Descentraliza pretende realizar as atividades no ano de 2024.



BEIRA RIO DA NOVA GUARÁ

Av. Vaz de Caminha, 101 - Nova Guará

CEP 12515-490 - Guaratinguetá

Email: beirariodanovaguará@gmail.com

Guaratinguetá, 08 de Maio de 2023.

A Beira Rio da Nova Guará informa ter interesse em receber o projeto "Ação Descentraliza".

Atenciosamente,

Daniel Alexandre Botelho de Campos
Presidente Conselho Deliberativo



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO-REGIÃO DE GUARATINGUETÁ
EE "Prof.ª CLOTILDE AYELLO ROCHA"



Guaratinguetá, 11 de maio de 2023.

Informativo: 01/2023

Assunto: Manifestação de interesse

A direção da EE Prof.ª Clotilde Ayello Rocha informa ter interesse em receber o projeto "Ação descentraliza".

Atenciosamente,

Dr. Aluísio Machado

Diretor Escolar

Gislaine F. O. Correia Machado
Diretor de Escola
RG: 44.136.827-X

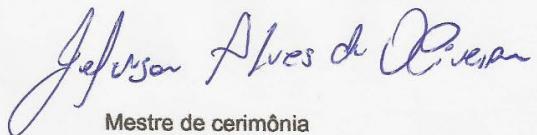
Loteamento São Benedito – 5000 - Bairro do Retiro – fone: 3122-4948 – Guaratinguetá –SP
E-mail: e012634a@educacao.sp.gov.br CNPJ nº 53.330.064/0001-17

ASSOCIAÇÃO CULTURAL QUILOMBOLAS DO TAMANDARÉ

Guaratinguetá, 09 de maio de 2023

A Associação Cultural Quilombolas do Tamandaré, informa ter interesse em receber o projeto "Ação Descentraliza".

Atenciosamente, mestre Jefinho do Tamandaré



Jefferson Alves de Oliveira

Mestre de cerimônia

Presidente da Associação Cultural Quilombolas do Tamandaré



Guaratinguetá, 04 de maio de 2023

A Associação de Moradores dos Bairros Unidos, informa ter interesse em receber o projeto "Ação Descentraliza".

Atenciosamente,

Sérgio O. Dias
Sérgio de Oliveira Dias
Presidente

8. Referências

BARBOSA, Ana Mae, Arte- Educação: leitura no subsolo. 9^a edição, Editora Cortez, 2013.
COELHO, T. **O Que é Ação Cultural**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 2001.

Dia do desafio. **Sobre o dia do desafio**. Disponível em: <<https://www.diadodesafio.org.br/sobre-o-dia-do-desafio/>>

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Portal GMEPAE – Portal do Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação. Gmepae.com.br. Disponível em: <<https://gmepae.com.br/>>

GOHN, M. G. **Educação não formal: direitos e aprendizagens dos cidadãos (ãs) em tempos do Coronavírus**. Humanidades & Inovação, Palmas, v. 7, n. 7, p. 9-20, 2020. apud GOHN

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política: Impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 4^a ed. São Paulo: Cortez. 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1, 2006. Proceedings online. Disponível em: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo <<http://www.proceedings.scielo.br/scielo>>

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval.pol.públ.Educ. 2006, vol.14, n.50, pp. 27-38. ISSN 0104-4036. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?format=pdf&lang=pt>>

GONÇALVES, Jozeli Mara da Silva. **Ações sustentáveis em espaços educativos da escola municipal Professora Francisca de Almeida Caloi**. 2022 136 f. Dissertação (Mestrado Profissional Interdisciplinar em Inovação Tecnológica) - Instituto de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal de São Paulo, 2022.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/tranterritorialidade em tempos de insegurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Patrimônio Cultural Imaterial : para saber mais** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. -- 3. ed. -- Brasília, DF : Iphan, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos: para que?**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTEL, L. Ensino/aprendizagem em arte e mediação: problemas e inovações. In: QUEIROZ, J. P.; OLIVEIRA, R. **Os riscos da arte: formação e mediação**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes, 2018. p. 75-82.

Rivelli Cardoso, Rosângela Maria, Saule Júnior, Nelson. **Associação de Moradores**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP Núcleo de Prática Jurídica -

Escritório Modelo “Dom Paulo Evaristo Arns” da Faculdade de Direito. São Paulo: 2012. P 9-11.

SANTOS, Milton. **O Espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2020, p. 81.

VAZ, L. F. e SELDIN, C, **Resistências e experiências culturais**. PROURB/FAU/UFRJ. Rio de Janeiro, 2007, p. 3

